



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES - FALLA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

**YASMIN RAMOS DE SOUZA**

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO DISCURSO DA REDE SOCIAL *TIK TOK***

**CAMPINA GRANDE  
2024**

YASMIN RAMOS DE SOUZA

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO DISCURSO DA REDE SOCIAL TIK TOK**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Linguística, Letras e Artes (FALLA), da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, como requisito para obtenção do título de graduada em Letras-Português.

**Área de concentração:** Análise do Discurso

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Tânia Maria Augusto Pereira

**CAMPINA GRANDE  
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729v Souza, Yasmin Ramos de.

Violência contra a mulher no discurso da rede social Tik Tok [manuscrito] / Yasmin Ramos de Souza. - 2024.

59 p. : il. colorido.

Digitado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024. "Orientação : Profa. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC. "

1. Análise do discurso. 2. Formação discursiva. 3. Misoginia. I. Título

21. ed. CDD 401.41

YASMIN RAMOS DE SOUZA

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO DISCURSO DA REDE SOCIAL TIK TOK**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Linguística, Letras e Artes (FALLA), da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, como requisito para obtenção do título de graduada em Letras-Português.

Aprovada em: 10/09/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

*Tânia Maria Augusto Pereira*

Prof. Dr.ª Tânia Maria Augusto Pereira  
(Orientadora-UEPB)

*Dalva Lobão Assis*

Prof. Dr. Dalva Lobão Assis  
(UEPB)

*Luciano Barbosa Justino*

Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino  
(UEPB)

A todas as mulheres que lutaram pelos direitos, pelo reconhecimento social e contra a violência à mulher na sociedade, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso contou com a ajuda e o apoio de diversas pessoas que fizeram a diferença na minha jornada estudantil e acadêmica, dentre as quais agradeço.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para que meus objetivos fossem alcançados durante toda a minha caminhada de estudos. E, não menos importante, por sua infinita graça e bondade, que sustentou-me até aqui, colocou força em meu coração para vencer esta etapa na minha vida e não desanimar durante a realização deste trabalho.

Aos meus pais, Lázaro Sami e Aleksandra, agradeço pela oportunidade de viver este momento de grande realização acadêmica e pessoal. Especialmente, por fazerem os meus dias difíceis mais brandos e por estarem ao meu lado apoiando, incentivando e acreditando sempre na pessoa de Yasmin. Sem eles, não teria chegado onde cheguei, não saberia o que seria de mim e o rumo que minha vida teria.

Sou grata ao meu excelentíssimo marido, Yghor Tadeu, que nunca mediu esforços para ajudar e apoiar, mesmo nos meus dias mais nebulosos, em que pensei em desistir, que nunca me recusou amor incondicional, que fez-me sentir um ser muito especial para ele e para Deus e que nunca me abandonaria e sempre estaria ao meu lado, independentemente das circunstâncias. Obrigada, por sua gentileza e enorme compreensão, mesmo nos momentos em que me ausentei; obrigada, por me ouvir e por sempre ter uma palavra de consolo e força; obrigada por ser meu porto seguro e calmaria em meio a momentos difíceis em minha graduação e vida; obrigada, por ser minha fonte inesgotável de inspiração, amor e carinho.

Agradeço a todos os professores que contribuíram e fizeram parte da minha trajetória acadêmica, especialmente à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tânia Maria Augusto Pereira, responsável pela orientação do meu projeto. Grata por esclarecer tantas dúvidas e por proporcionar-me o conhecimento, não apenas linguístico, mas por me mostrar a verdadeira manifestação e significado do caráter e afetividade da educação no processo de ensino, aprendizagem e formação profissional. Meus sinceros agradecimentos e admiração à professora Tânia, por me ensinar que a paciência é uma virtude e por me mostrar que cada obstáculo é uma oportunidade de crescimento.

**“A mulher sábia edifica sua casa, mas a insensata, com as próprias mãos, a derriba.”  
(Bíblia, Provérbios, 14, 1)**

## RESUMO

Muito se tem discutido sobre a ascensão e indispensabilidade das redes sociais na sociedade e, recentemente, sobre os danos físicos e psicológicos que estas podem causar aos seus usuários, como sobre as mulheres. Este presente trabalho apresenta resultados de uma análise discursiva sobre a violência contra a mulher, materializada em vídeos da plataforma *Tik Tok*, no perfil *Arte da Sedução*. Diante disso, formulamos duas questões: Qual (is) estereótipo (s) estabelece (em) a manutenção e propagação da cultura misógina no perfil do *Tik Tok* “Arte da Sedução”? e Qual estratégia discursiva foi adotada por Pietra Bertolazzi para a produção de sentido dos enunciados publicados no perfil “Arte da sedução”? Sendo assim, tal pesquisa objetivou analisar os enunciados sexistas de Pietra Bertolazzi nas publicações do perfil do *Tik Tok* “Arte da Sedução” sobre o papel e lugar da mulher na contemporaneidade. Especificamente, objetivou-se identificar como os discursos de Pietra Bertolazzi a respeito do feminismo e da mulher no perfil *Arte da Sedução* propagam a cultura da violência contra a figura feminina; analisar como o discurso da *influencer* contribui para a legitimação de imagens e estereótipos preconceituosos, pejorativos e misóginos acerca da mulher e compreender os efeitos de sentidos nos enunciados produzidos por Pietra Bertolazzi. Este trabalho é de natureza qualitativa e o principal instrumento de coleta foi a pesquisa documental e, secundariamente, a bibliográfica, por meio da qual se coletaram os dados de referencial teórico sobre o Discurso (Foucault, 2005; 2008; 2010; 2014). Esta pesquisa se justifica por percorrer novos caminhos e modos operantes contra a violência à mulher, uma vez, que isso ocorre, em grande parte, devido às questões sociais, desinformações e problemas sócio-familiares, que colaboram para o desenvolvimento de atos misóginos. Em síntese, a análise realizada aponta que mesmo com os discursos tradicionais, machistas e antifeministas sendo desconstruídos e reformulados na sociedade, o discurso audiovisual difundido por Bertolazzi no *Tik Tok* se mantém sólido através de um poder e saber denotado por uma formação discursiva conservadora, que sustenta o discurso tradicional de inferioridade da mulher ao homem.

**Palavras-chave:** discurso; formação discursiva; misoginia.



## ABSTRACT

Much has been discussed about the rise and indispensability of social networks in society and, recently, about the physical and psychological damage they can cause to their users, such as women. This paper presents the results of a discursive analysis of violence against women, materialized in videos from the *Tik Tok* platform, in the profile *Art of Seduction*. In view of this, we formulate two questions: What stereotype(s) establish(es) the maintenance and propagation of misogynistic culture in the *Tik Tok* profile "Art of Seduction"? and What discursive strategy was adopted by Pietra Bertolazzi for the production of meaning of the utterances published in the profile "Art of seduction"? Thus, this research aimed to analyze the sexist statements of Pietra Bertolazzi in the publications of the *Tik Tok* profile "Art of Seduction" about the role and place of women in contemporaneity. Specifically, the objective was to identify how Pietra Bertolazzi's discourses about feminism and women in the *Art of Seduction* profile propagate the culture of violence against the female figure; to analyze how the *influencer's* discourse contributes to the legitimization of prejudiced, pejorative and misogynistic images and stereotypes about women and to understand the effects of meanings in the statements produced by Pietra Bertolazzi. This work is qualitative in nature and the main collection instrument was documentary research and, secondarily, bibliographic research, through which theoretical reference data on Discourse were collected (Foucault, 2005; 2008; 2010; 2014). This research is justified by the fact that it follows new paths and operating ways against violence against women, since this occurs, in large part, due to social issues, misinformation and socio-family problems, which contribute to the development of misogynistic acts. In summary, the analysis carried out points out that even with the traditional, sexist and anti-feminist discourses being deconstructed and reformulated in society, the audiovisual discourse disseminated by Bertolazzi on *Tik Tok* remains solid through a power and knowledge denoted by a conservative discursive formation, which sustains the traditional discourse of inferiority of women to men.

**Key words:** speech; discursive formation; misogyny.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Discursos patriarcalista de Bertolazzi .....	44
Figura 2: Discursos antifeministas de Bertolazzi .....	47
Figura 3: Elas querem o endosso moral para a libertinagem .....	49
Figura 4: Elas querem direitos iguais só na hora da libertinagem .....	50
Figura 5: Elas não querem direitos iguais .....	52

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>Constituição do corpus e sujeito da pesquisa .....</b>	<b>16</b>
<b>2.2</b>	<b>A natureza da pesquisa .....</b>	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS TEÓRICOS .....</b>	<b>20</b>
<b>3.1</b>	<b>Sobre o discurso e a formação discursiva .....</b>	<b>20</b>
<b>3.2</b>	<b>O sujeito na relação de poder e saber .....</b>	<b>23</b>
<b>3.3</b>	<b>Um panorama da violência .....</b>	<b>26</b>
<b>3.4</b>	<b>Formas de violência contra a mulher .....</b>	<b>33</b>
<b>3.4.1</b>	<b><i>Violência Física</i> .....</b>	<b>35</b>
<b>3.4.2</b>	<b><i>Violência Psicológica</i> .....</b>	<b>36</b>
<b>3.4.3</b>	<b><i>Violência Sexual</i> .....</b>	<b>37</b>
<b>3.4.4</b>	<b><i>Violência Virtual</i> .....</b>	<b>38</b>
<b>3.5</b>	<b>Violência contra a mulher na rede social <i>Tik Tok</i> .....</b>	<b>39</b>
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS .....</b>	<b>43</b>
<b>4.1</b>	<b>O patriarcalismo contemporâneo e o controle do homem sobre o corpo e sexualidade da mulher no discurso midiático .....</b>	<b>43</b>
<b>4.2</b>	<b>A violência contra a mulher e os direitos humanos no discurso virtual .....</b>	<b>46</b>
<b>4.3</b>	<b>O discurso de resistência .....</b>	<b>51</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>54</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>56</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A violência doméstica<sup>1</sup> contra a mulher tem sido um problema constantemente pautado nas discussões e preocupações sociais por diversos setores da sociedade civil brasileira. Apesar de não ser um fenômeno exclusivamente contemporâneo, o que se nota é que a visibilidade social e política deste problema possui um caráter recente, visto que somente nos últimos 50 anos é que se tem evidenciado a seriedade e gravidade desse fenômeno social.

É uma problemática social crescente no Brasil e no mundo. Segundo a Lei Maria da Penha (Brasil, 2006), toda e qualquer violência contra a mulher constitui um ato de violação aos direitos humanos. Mesmo que cada nação possua suas especificidades político-sociais, verifica-se que o machismo presente na sociedade apresenta uma das maiores violações aos direitos humanos, especialmente quando se trata da mulher (Brasil, 2006)

Cerqueira et al (2020) relatam que 28,5% dos homicídios contra as mulheres ocorreram e ocorrem dentro de seus respectivos lares e, aproximadamente 50,16% das denúncias apresentaram um quadro de agressão física, cometida em 72% dos casos por seus companheiros. Diante dessa realidade, o Brasil, em um grupo de 83 países, é a 5ª nação no *ranking* mundial com os maiores índices de violência contra a figura feminina (Cerqueira et al., 2020).

A violência doméstica compreende uma construção social, oriunda de uma sociedade machista e patriarcal que, no Brasil, se desenvolveu e perpetuou desde a colonização. De modo que a inserção da mulher no campo político-social ao longo da história da sociedade tornou-se um assunto problemático. Apesar das conquistas significativas promovidas no decorrer das décadas pelo movimento feminista, em prol do empoderamento feminino, ainda se constata implicações no tocante a esse fenômeno social, notadamente por haver mulheres que compartilham da ideia de que “lugar de mulher é na cozinha” (Avelar, 2002, p.45)

Recentemente, quando se refletia sobre esses vieses no contexto da crise sanitária da COVID-19, António Guterres (2020)<sup>2</sup>, secretário-geral da ONU, observou que o “chocante

---

<sup>1</sup> Violência doméstica e familiar contra a mulher é “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (Brasil, 2006, p. 55)

<sup>2</sup> ANTÔNIO Guterres. Organização das Nações Unidas. Chefe da ONU alerta para o aumento da violência doméstica em meio á pandemia do coronavírus. Nações Unidas Brasil, 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/chefe-da-onu-alerta-para-aumento-da-violencia-domestica-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus/>. Acesso em: 20 de abr. de 2023.

aumento global da violência doméstica<sup>3</sup> decorria subsidiariamente do “aumento das pressões econômicas e sociais e do medo”. Esperava-se que essa situação de misoginia gerasse grande impacto, visto que o isolamento social, tendo em vista as medidas de prevenção contra a contaminação do vírus, subjugaria mulheres a toda natureza de abusos em seus respectivos lares (Guterres, 2020).

O sistema de subjugação feminina conta com um amplo aparato simbólico, responsável por manter uma relação de poder mediante o dito e o não dito sobre a mulher. A mídia, nessa perspectiva, se estabelece como um dos instrumentos de manutenção dessa estrutura social hegemônica através do discurso.

Diante do quadro social e histórico atual, especificamente as condições de violência contra a mulher, nos propomos a analisar como a mídia social *Tik Tok* discursiviza tais questões. Na perspectiva de Veloso (2022), a internet, desde sua abertura como um novo campo social, trouxe uma nova dinâmica às relações de gênero no Brasil através da produção de discursos que naturalizam e sustentam, ainda que implicitamente, a misoginia. Considerando que a produção do discurso na sociedade é “[...] ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos e [...] têm por função conjurar seus poderes e perigos” (Foucault, 2008, p. 9), a rede *Tik Tok*, pelo perfil “Arte da Sedução”, torna-se um ascendente à força do indivíduo que discursiviza e passa a ser referência no modo de vida dos seus usuários.

Elegemos como objeto de estudo os vídeos publicizados na plataforma do *Tik Tok*, no perfil “Arte da Sedução”, cujos conteúdos são de cunho anti-feminista e redpill<sup>4</sup>. O perfil traz à tona depoimentos de Pietra Bertolazzi<sup>5</sup> a respeito do movimento antifeminista, bem como referências machistas em suas enunciações.

O objetivo deste trabalho consiste em analisar os enunciados produzidos por Pietra Bertolazzi, que circulam no perfil “Arte da Sedução”, visando compreender o funcionamento das relações de poder estabelecidas e representadas por sujeitos no meio social do *Tik Tok*.

---

<sup>3</sup> De acordo com a pesquisa realizada em 2020, pela Organização das Nações Unidas (ONU) em conjunto com o Banco Nacional, foi constatado um aumento significativo nos índices de violência contra a mulher, principalmente após a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar oficialmente, no dia 06 de abril de 2020, que o mundo estava vivendo em uma pandemia de COVID-19 e que seria necessário um período de quarentena, como meio de segurança pública (ONU, 2020).

<sup>4</sup> Redpill é um conceito designado para o homem que despertou para a natureza feminina, de modo que não se envolve em relacionamentos a longo prazo. Esse grupo costuma compartilhar frases e memes se referindo às mulheres como infiéis, interesseiras e manipuladoras.

<sup>5</sup> Pietra Bertolazzi: ex-DJ e influenciadora digital que se intitula antifeminista e faz grande sucesso nas redes sociais, com quase 100 mil seguidores - esse número já foi maior - aborda temas relacionados às contradições do feminismo e a doutrinação política.

Como aporte teórico, buscamos subsídio em Giorgenon et al (2014), que abordam a internet como um espaço discursivo de novas práticas sociais e expressões coletivas; em Foucault (2005; 2008; 2010; 2014), acerca do discurso, poder e formação discursiva e em Fernandes (2008), quando pondera sobre as condições de produção discursiva. Mobilizamos outros estudos desenvolvidos por Chauí (2003) sobre a linguagem sexista; Diniz e Angelim (2003); Machado (2000, 2010) e Saffioti (1999, 2002, 2004, 2007), acerca da violência de gênero na sociedade contemporânea.

Perante o exposto, o fundamento norteador para esta pesquisa foi a identificação e compreensão dos discursos de caráter sexista difundidos por mulheres no *Tik Tok*, que estabelecem uma relação de sujeição da mulher ao homem, cooperando para a manifestação e o desdobramento da misoginia. Este trabalho considera o discurso como uma fabricação da realidade social e não como uma conjuntura de enunciados linguísticos verbais. Diante disso, formulamos duas questões: Qual (is) estereótipo (s) estabelece (em) a manutenção e propagação da cultura misógina no perfil do *Tik Tok* “Arte da Sedução”? e Qual estratégia discursiva foi adotada por Pietra Bertolazzi para a produção de sentidos misóginos dos discursos publicados no perfil “Arte da sedução”?

Tais questões viabilizaram o delineamento do objetivo geral da pesquisa: analisar os enunciados sexistas de Pietra Bertolazzi nas publicações do perfil do *Tik Tok* “Arte da Sedução” sobre o papel e lugar da mulher na contemporaneidade, principalmente durante o período de pandemia. Especificamente, pretendemos: 1) identificar como os discursos de Pietra Bertolazzi a respeito do feminismo e da mulher no perfil *Arte da Sedução* propagam a cultura da violência contra a figura feminina; 2) analisar como o discurso da *influencer* contribui para a legitimação de imagens e estereótipos preconceituosos, pejorativos e misóginos acerca da mulher e 3) compreender os efeitos de sentidos nos enunciados produzidos por Pietra Bertolazzi.

As pesquisas no campo da Análise do Discurso (doravante AD), voltadas à análise de discursos midiáticos-sociais crescem de forma expressiva. Considerando esse contexto, a pesquisa traz à tona alguns enunciados sexistas divulgados por mulheres no perfil do *Tik Tok* “Arte e Sedução” para representar os casos de violência doméstica no Brasil reportados na plataforma. Este trabalho está fundamentado num aparato teórico-metodológico e analítico que percebe o sujeito enunciativo a partir do conceito de “poder” por ele produzido, constituindo-se de acordo com a sua interação social em diversos lugares sociais. (Foucault, 2008).

Os estudos discursivos ainda não contemplam, totalmente, a mídia social, *Tik Tok*. Até o presente, os estudos não foram suficientes para suprirem as lacunas referentes à análise dessa modalidade e *corpus* político-social-histórico-ideológico vigente, pois ainda há crimes misóginos em relação ao papel e lugar da mulher na sociedade. Consideramos relevante explicar como o discurso que compreende a linguagem sexista midiática, produzido pela própria mulher, influencia e abre espaço à agressão da figura feminina.

As mulheres, na maioria dos casos, se sujeitam a relacionamentos em que seus parceiros se consideram o dono da relação, obrigando-as a satisfazerem seus desejos e vontades. Quando não satisfeitos, tornam-se violentos e no direito de posse da parceira, resultando em um ciclo de violência física, psicológica e simbólica.

Este trabalho se justifica por percorrer novos caminhos e modos operantes contra a violência à mulher. Uma vez que isso ocorre, em grande parte, devido às questões sociais, desinformações e problemas sócio-familiares, que colaboram para o desenvolvimento de atos misóginos que, por sua vez devem ser denunciados aos órgãos de segurança pública e jamais escondidos ou omitidos para que não ocorram retaliações maiores.

A partir dos estudos foucaultianos acerca do discurso no meio social e o poder por ele exercido na formação de sujeitos, moldados e posicionados, observamos que a conjuntura social e midiática da plataforma do *Tik Tok* constitui o sujeito como objeto de normalização, classificação e doutrinação em uma relação de poder entre *influencer* e usuário da plataforma.

Apresentamos, também, uma abordagem teórica acerca das lutas enfrentadas pelas mulheres, no propósito de adquirir espaço nas atividades sociais em uma sociedade oriunda do patriarcalismo, de modo a conciliar, a partir da conjuntura social, e linguagem sexista que revela através de discursos protagonizados pela *influencer* digital Bertolazzi, uma nova forma de discriminação da mulher (Granda, 2022). Bem como, os impactos discursivos exercidos nos telespectadores da ferramenta midiática *Tik Tok*, por ser uma importante plataforma de engajamento e acesso ao discurso do outro, tal qual ao sujeito enunciador, detentor da palavra social, poder e conhecimento.

Os estudos discursivos ainda não contemplam, de modo totalizante, a mídia social, *Tik Tok*. Até o presente, os estudos não foram suficientes para suprirem as lacunas referentes à análise dessa modalidade e *corpus* político-social-histórico-ideológico vigente, pois ainda há crimes misóginos em relação ao papel e lugar da mulher na sociedade. Consideramos relevante explicar como o discurso que compreende a linguagem sexista midiática, produzido pela própria mulher, influencia e abre espaço à agressão da figura feminina.

As mulheres, na maioria dos casos, se sujeitam a relacionamentos em que seus parceiros se consideram o dono da relação, obrigando-as a satisfazerem seus desejos e vontades. Quando não satisfeitos, tornam-se violentos e no direito de posse da parceira, resultando em um ciclo de violência física, psicológica e simbólica.

Estruturalmente, além desta introdução, este trabalho apresenta três capítulos. O primeiro intitulado “Procedimentos metodológicos”, aborda o caráter da pesquisa. O segundo, “Procedimentos teóricos”, explana os seguintes conceitos: discurso, formação discursiva e o sujeito discursivo na relação de poder e saber.

Este capítulo também aborda as lutas enfrentadas pelas mulheres, no propósito de adquirir espaço nas atividades sociais em uma sociedade oriunda do patriarcalismo, de modo a conciliar, a partir da conjuntura social, e linguagem sexista que revela através de discursos protagonizados pela *influencer* digital Bertolazzi, uma nova forma de discriminação da mulher (Granda, 2022). Bem como, os impactos discursivos exercidos nos telespectadores da ferramenta midiática *Tik Tok*, por ser uma importante plataforma de engajamento e acesso ao discurso do outro, tal qual ao sujeito enunciador, detentor da palavra social, poder e conhecimento.

O terceiro capítulo, “Procedimentos analíticos”, apresenta a análise do corpus da pesquisa. Os discursos analisados foram estudados à luz dos estudos discursivos foucaultianos, focando na compreensão de dispositivos que reforçam a manutenção de discursos e memórias sobre a violência contra a mulher na ótica contemporânea.



## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Realizamos uma análise pautada na investigação de vídeos postados na plataforma *Tik Tok*, de modo a compreender como acontece a violência contra a mulher. A pesquisa investigou situações referentes ao objeto estudado, o discurso sexista difundido e recorrente no perfil “Arte da Sedução”, no período da pandemia, que protagonizou o aumento da violência contra a mulher.

Buscamos atender aos objetivos e responder o problema de pesquisa, identificar, compreender, explicar os discursos de cunho sexista disseminados na mídia social *Tik Tok* por Pietra Bertolazzi, no momento da Covid-19, sobre a violência contra a mulher no ambiente familiar e social. Para isso, se fez necessário direcionar a abordagem com base na utilização de material documental primário<sup>6</sup>, isto é, do *corpus* divulgado e publicado pela *influencer* a respeito do papel, assim como o estereótipo e padrão da mulher do século XXI, estabelecendo uma linha de investigação pela qual foi conduzido o trabalho, a fim de ser levantado o material fundamental para o estabelecimento da prática do que propõe a pesquisa.

Dessa forma, para viabilizar alguns dos aspectos dessa investigação, nos debruçamos sobre um estudo de natureza qualitativa que, de acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 269), trata-se de uma metodologia que “[...] fornece análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamentos”. Essa metodologia é delineada pela técnica documental que, segundo Gil (2008, p. 46), utiliza fontes diversificadas e dispersas conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos etc e explicativa<sup>7</sup>.

A pesquisa foi realizada em quatro fases distintas. Inicialmente, o conhecimento teórico referente à contextualização do objeto estudado. Posteriormente, analisou-se o sujeito Pietra Bertolazzi, o discurso difundido por ela e executado no *Tik Tok*. Em seguida, o discurso do sujeito e a formação discursiva em relação à produção e à construção de sentido nos discursos de Bertolazzi no *Tik Tok*, visto como um lugar na manutenção de novas expressões coletivas.

Na quarta fase, correlacionamos as informações obtidas: sujeito que enuncia, poder, formação discursiva e produção e construção de sentido, de modo a identificar e vincular os conceitos teóricos explorados com os discursos que trazem uma linguagem sexista,

---

<sup>6</sup> [...] documentos "de primeira mão", que não receberam nenhum tratamento analítico [...] (Gil, 2008, p. 46)

<sup>7</sup> Essas pesquisas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. (Gil, 2008, p. 42)

protagonizados no *site* “Arte da Sedução”, nos três anos epidêmicos, com o aumento da violência doméstica.

## 2.1 Constituição do corpus e sujeito da pesquisa

Realizamos uma pesquisa qualitativa, utilizando o método explicativo com o dispositivo de cunho documental e, secundariamente, bibliográfico, com o propósito de aprofundar os fatores midiáticos discursivos que influenciaram o aumento da violência contra a mulher no período de pandemia. Nosso *corpus* foi constituído durante o período de pandemia e é representado em 5 figuras que mostram a violência contra a mulher, dos quais foram feitos prints. O Figura 1, publicado em 29 de novembro de 2022, expõe a importância do patriarcalismo para a sociedade; o figura 2, publicizado em 26 de dezembro de 2022, discute a igualdade entre homens e mulheres; o figura 3, divulgado em 02 de setembro de 2021, exprime que as mulheres não querem direitos iguais, mas endosso moral para a libertinagem; o figura 4, publicado em 04 de abril de 2023, refere-se a libertinagem das mulheres; o figura 5, publicado em 02 de fevereiro de 2023, argumenta que as mulheres não querem direitos iguais, mas os privilégios.

O sujeito que faz parte do nosso *corpus* é Pietra Bertolazzi. Ela tem 35 anos, é influenciadora digital, adepta do movimento ativista político conservador e antifeminista. A *influencer* possui aproximadamente cem mil seguidores em sua rede social *Instagram*, onde aborda temas relacionados as contradições do feminismo e à doutrinação política. Mesmo sendo famosa nas redes sociais, seu perfil no *Instagram* foi alvo de massivas denúncias de “discursos de ódio”. Ela afirma que, por causa de suas publicações, já perdeu três perfis na plataforma e um deles com cerca de duzentos e vinte mil seguidores. No perfil do Tik Tok, Pietra possui mais de trinta mil seguidores e, aproximadamente, trinta e sete mil curtidas em cada vídeo publicado no perfil. É válido ressaltar que em menos de três meses, Bertolazzi teve sua conta na rede Tik Tok derrubada, devido o conteúdo e discursos sexista de seus vídeos. Além disso, já foi foco de um abaixo-assinado organizado por representantes feministas, depois de realizar críticas ao feminismo e questionar a manipulação dos índices e dados de feminicídio no Brasil e no mundo. Atualmente, é fundadora do curso “Doutrina zero”<sup>8</sup>, onde

---

<sup>8</sup> Curso que tem por objetivo capacitar os assinantes a compreenderem os principais assuntos da sociedade vigente e a se defender das mentiras protagonizadas pela esquerda nos ambientes de ensino e na mídia. Os participantes do curso aprendem a verdade sobre e por trás das narrativas veiculadas pelas universidades, escolas e mídia.

orienta famílias sobre o feminismo, gênero, política, educação e outros assuntos. Também é autora do livro “O mínimo sobre doutrinação”.<sup>9</sup>

## 2.2 A natureza da pesquisa

Este trabalho tem como característica o estudo qualitativo, pois busca compreender a realidade de determinados fenômenos sociais a partir do detalhamento e entendimento de um fenômeno e comportamento humano por meio de análises qualitativas dos atores sociais envolvidos. Para Lakatos e Marconi (2005, p. 269), o método qualitativo pressupõe uma investigação e interpretação de elementos mais profundos do hermetismo do comportamento humano, permitindo e fornecendo análises minuciosamente delimitadas sobre perscrutação, “hábitos, atitudes e tendências de comportamentos”.

Nessa pesquisa, procuramos entender os fenômenos de acordo com a perspectiva dos *corpus* explorados e dos participantes da conjuntura sondada, visto que análise qualitativa não só trabalha com hábitos, atitudes e tendências de comportamentos, mas também com os valores, crenças, opinião, representações “[...] e se adequa a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos. A abordagem qualitativa é empregada, portanto, para a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna” (Paulilo, 1999, p. 135).

O método explicativo associado a natureza qualitativa da pesquisa caracteriza-se por sua “preocupação em identificar os fatores que desencadeiam a ocorrência de fenômenos” (Gil, 2008, p. 28), posto que se empenha em explicar os “por quês” das coisas e acontecimentos. Epistemologicamente baseia-se no panorama histórico-cultural e contextualizado do fenômeno social violência contra mulher, utilizando-se da dialética social-subjetiva como esfera de estudo, identificando a composição do conhecimento expressa na gênese social do coletivo.

O desenvolvimento da pesquisa se deu mediante a técnica documental, que tem como objeto de análise documentos escritos - ou não - que nunca receberam tratamento analítico (Gil, 2008). Para Appolinário (2009, p. 67), documento é todo e “Qualquer suporte por consulta, estudo ou prova. Incluem-se nesse universo os impressos, os manuscritos, os registros audiovisuais e sonoros, as imagens, entre outros”.

---

<sup>9</sup> Este livro explora os maquinários que produzem a doutrinação e ideologia que dominam a mídia, a cultura e instituições de ensino. Seu mantra é “Reconhecer essa doutrinação é o primeiro passo para se libertar e trilhar o caminho da liberdade”.

Considerando a justificativa de Appolinário (2009) sobre o que pode ser classificado como documento, os dados coletados para essa pesquisa foram retirados de arquivos públicos audiovisuais contemporâneos: vídeos retirados da plataforma *Tik Tok*, publicados entre os anos de 2021, 2022 e 2023 e que têm como conteúdo discursos de cunho sexista e redpill difundidos por Pietra Bertolazzi no perfil “Arte da Sedução”.

Por ser um método decisivo para pesquisas no campo das ciências humanas e sociais, a Análise Documental realizada foi crucial para o desenvolvimento do estudo em questão, visto que para responder aos objetivos e ao problema de pesquisa foi necessário a análise de fontes primárias sobre a função e caráter da mulher do século XXI, desencadeando a linha de análise pela qual foi conduzida a pesquisa e o levantamento do material essencial para o cumprimento da prática do que propõe a pesquisa.

Apesar da pesquisa documental ser o pilar desse estudo, nos debruçamos também sobre o estudo bibliográfico, visto que essa técnica “Trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação” (Macedo, 1994, p.13). Logo, para investigar como o sujeito discursiviza diante das inúmeras transformações na esfera social, especificamente a violência contra a mulher no espaço midiático *Tik Tok*, usamos os estudos discursivos foucaultianos.

Para usarmos o espaço midiático enquanto um campo discursivo, revisitarmos os aspectos arrolados por Giorgenon et al (2014) sobre o ciberespaço. Visto que, nos últimos anos, este espaço transfigurou-se em um espaço discursivo de novas práticas sociais, expressões coletivas e assujeitamentos que, de certo modo, abordam questões relacionadas à interpelação, perpassam a posição-sujeito que enuncia, afiliada a teia do discurso, que abarca o discordar e concordar.

Além disso, segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 183): “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Assim, ao abordarmos o *Tik Tok*, como difusor da violência contra a mulher durante e pós a pandemia, tomamos como referência as abordagens de Teles e Melo (2003), a respeito de que a figura feminina não é violentada apenas no espaço físico, mas também no ambiente virtual, através de discursos que abarcam uma linguagem sexista que oprime a mulher.

A pesquisa bibliográfica é importante para essa pesquisa desde o início, pois foi através dela que iniciamos a ação para entender e dominar o conteúdo desse estudo, por meio de elementos pertinentes, obras e teorias já publicadas e divulgadas nos centros acadêmicos e

afins, que nos auxiliaram no levantamento, definição teórica e procedimentos analíticos.

### 3 PROCEDIMENTOS TEÓRICOS

#### 3.1 Sobre o discurso e a formação discursiva

A Análise do Discurso (AD) da escola francesa tem como fundador Michel Pêcheux, e, entre os principais conceitos que norteiam a teoria, trabalha com a noção de formação discursiva, emprestada de Michel Foucault. A caminhada intelectual do filósofo francês Foucault teve por objetivo principal desenvolver um estudo genealógico do sujeito moderno, de modo a examinar atenciosamente os diferentes meios que propiciam os métodos de subjetivação no transcorrer de diferentes temporalidades, o que desencadeou uma série de estudo e análise sobre o discurso em suas diferentes formas de disseminação na sociedade.

Analisar discursos a partir do acontecimento discursivo, em sua heterogeneidade – isto é, considerando que as formações discursivas são complexas pois os sentidos são instáveis, impõe um certo número de exigências teóricometodológicas. É necessário priorizar a descrição das materialidades discursivas: a análise de discurso precisa realizar uma descrição que tenha como pressuposto a propriedade fundamental da linguagem, isto é, o fato de que ela é constitutivamente atravessada pelo equívoco, pela falha e, portanto, é preciso descrever o jogo de diferenças, as alterações, as contradições, a equivocidade, a “heterogeneidade constitutiva”. Todo discurso é fundamentalmente heterogêneo e está exposto ao equívoco porque se relaciona sempre com um discurso-outro.

Não se deve perder de vista o fato de que o discurso acontece sempre no interior de uma série de outros discursos, com os quais estabelece co-relações, deslocamentos, vizinhanças. Por isso, o objeto da AD deve ser essa interdiscursividade, as redes de memórias que produzem os sentidos em um momento histórico.

Foucault, ao longo da sua trajetória acadêmica, em seus livros e entrevistas, não pretendeu produzir uma teoria discursiva ou criar um campo do saber cujo objeto seria o discurso, no entanto, em uma de suas entrevistas, intitulada “Diálogo sobre o Poder” e publicada nos Ditos e Escritos IV, ele ressalta que uma certa “análise do discurso” estava no cerne das suas preocupações:

Eu me dei como objeto uma análise do discurso, fora de qualquer formulação de ponto de vista. Meu programa não se fundamenta tampouco nos métodos da linguística. A noção de estrutura não tem nenhum sentido para mim. O que me interessa, no problema do discurso, é o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento. Não é o sentido que eu busco evidenciar, mas a função que se pode atribuir uma vez que essa coisa foi dita naquele momento. Isto é o que eu

chamo de acontecimento. [...] (Foucault, 2003, p.249)

Ao considerar o discurso como acontecimento, ele salienta que a sua preocupação não era com a descrição gramatical da língua – aspecto que se opõe ao pensamento saussuriano -, mas considerar o discurso em uma dimensão histórica, com valor de acontecimento. Ele mostra a sistematização do discurso, a sua manifestação e os frutos por ele produzidos, através de questionamentos que podem ser resumidos com apenas uma pergunta: “onde está o perigo do discurso e de sua proliferação?”. Como resposta, o autor propõe uma hipótese de que quem domina o discurso, domina também todos os outros mecanismos de poder e os corpos:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (Foucault, 2014, p. 8-9)

Foucault (2005, p. 31) considera que “a unidade do discurso constitui-se por um conjunto de enunciados efetivamente produzidos na dispersão de acontecimentos discursivos [...]”. As condições de produção do discurso ocorrem doravante uma ótica em direção a história, assim como aos elementos socioideológicos e históricos. Equivalente às mudanças históricas que viabilizam o entendimento destes, bem como sua manifestação em certas oportunidades e disseminação (Fernandes, 2008).

Segundo Foucault (1995), todo discurso é marcado por enunciado que o antecede e o sucedem integrantes de outros discurso. Na dimensão prática social o discurso ao ser produzido e interpretado, constitui uma ação social em um contexto situacional, ideologicamente marcado. O autor considera que a condição de produção do discurso trata-se de um ângulo histórico descontínuo, afiliado à questão do saber, representado como a ciência do homem e o poder concebido a partir das relações históricas. Isso produz um sujeito formado por diversas espécies de saberes, por encadeamento de poderes e saberes e pela conexão do sujeito consigo mesmo.

O discurso não é simplesmente uma manifestação do sujeito pensante, mas sim onde se encontram os dizeres de vários falantes, que assumem distintas posições sociais, resultante de um já-dito. O discurso é a prática linguística que se relaciona com “outras práticas” na esfera social (Foucault, 2005). O que significa assegurar que este unifica elementos tanto da construção e ajuste dos discursos, quanto da aplicação e fabricação destes nas corporações e nas relações sociais, estabelecendo um saber que vai além de deliberar encargos e formas de

comportamento numa determinada época e conjuntura social. Azevedo (2013, p. 63) afirma que Foucault considerava essas relações instituídas pelo discurso não apenas como uma mera manifestação linguística, mas “o próprio discurso enquanto prática”.

Para o filósofo francês, o discurso é caracterizado como um conglomerado de enunciados, sob uma formação discursiva exercida pela regulamentação da dispersão de enunciados. Essa regularidade é estabelecida a partir de uma ordem, uma correlação, um funcionamento e uma transformação, que demarca o fechamento e homogeneidade. Sobre isso, Foucault (2005, p. 135-136) afirma que o discurso é “[...]um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência [...]”.

O conceito de formação discursiva (FD) é central para o desenvolvimento do edifício teórico da AD. Ele sinaliza a constante refacção a que a teoria do discurso foi submetida na obra de Pêcheux (2009), já que, por meio das reconfigurações desse conceito, ele trabalha a linha tênue entre a regularidade e a instabilidade dos sentidos no discurso. Na visão foucaultiana, FD apresenta o seguinte conceito:

Sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva (Foucault, 2008, p.43).

O discurso é constituído por uma formação discursiva que advém de uma ordem, um funcionamento, uma correlação e uma transformação, orquestrada por um agrupamento de constâncias que deliberam sua homogeneidade e seu encerramento. Logo, a formação discursiva desenvolve-se em um agrupamento de enunciados sujeitos a uma regularidade e difusão ideológica, teórica, científica, dentre outros.

Foucault (2005) enfatiza que o discurso tornou-se mais valorizado no decorrer dos tempos a partir da criação de instrumentos e mecanismos de dominação, mediante a análise de enunciados que não revelam a completude de um único sentido, mas mostram a rarefação e o poder de afirmação do discurso na sociedade, ao passo que reconhece a densidade do discurso e o considera como prática descontínua que pode ser uma prática excludente e ignorante.

Essa perspectiva foucaultiana, é compreendida como um sistema de positividade que não se limita a objetos linguísticos meramente verbalizados, como os atos de fala, frases ou



possíveis proposições, ou seja, “Um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo” (Foucault, 2008, p.135). Nesse sentido, o conjunto de enunciados inseridos e apoiados em uma mesma formação discursiva é entendido, segundo Foucault (2008), como “discurso”.

A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma e única mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidades, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados, troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência. (Foucault, 2008, p. 135)

O conteúdo discursivo não é uma simples cadeia de vocábulo, mas uma forma de pensamento que se nega às organizações sociais compelidas por significantes que tem por objetivo análise a língua em função de sentido. Assim, toda e qualquer sociedade, culturalmente preestabelecida, possui sua ordem discursiva.

Uma formação discursiva revela formações ideológicas que a integram. Seu uso envolve sujeitos oriundos de facções religiosas, de partidos políticos de caráter esquerdista, trabalhadores de origem rural, entre outros. Há, nessa efervescência, o entrecruzamento de diferentes discursos e formações ideológicas constituindo uma formação discursiva. Uma formação discursiva não se limita a uma época apenas. Em seu interior, encontramos elementos que tiveram existências em diversos espaços sociais, em outros momentos históricos, mas se fazem presentes sob novas condições de produção, integrando novo contexto histórico, e conseqüentemente, possibilitando outros efeitos de sentido. (Fernandes, 2008).

### **3.2 O sujeito na relação de poder e saber**

No horizonte teórico foucaultiano, pensar em discurso implica falar em poder, já que se trata de perspectivas adjacentes. Apesar de Foucault não apresentar uma teoria sobre o “poder”, ele apontou certos conceitos para a identificação das formas e atuação da atividade de poder de um sujeito sobre o outro. Para o filósofo francês, existe uma relação direta entre o poder e o conhecimento, visto que o discurso que ordena é sempre daquele que detém o saber, ou seja, o sujeito enunciativo de resistências e fugas. É justamente no interior dessas fugas, desse campo de possibilidade de resposta, de estratégias de resistência, que podemos situar o sujeito na vertente foucaultiana.

De acordo com Foucault (2008), no íntimo de qualquer sociedade existem múltiplas relações de poder que perpassam, qualificam e instituem a massa coletiva. Este vínculo é coibido de se desligar e se alicerçar sem uma circulação de produção do funcionamento de um discurso. Segundo o autor, o poder é algo que se introduz a controlar e selecionar, de modo que todo sujeito se encontra no âmago dessa duplicidade: ou exerce ações de poder ou sofre. O poder é ação e a resistência a esse poder é a reação, pois onde há poder, há resistência.

Na sociedade, toda enunciação é controlada, ou seja, o ato de dizer e falar pressupõe perigos e supõe dominação; luta; resistência e poder, assim, “[...] a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada e redistribuída por inúmeros procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos” (Foucault, 2008, p. 8-9).

Ao investigar o sujeito detentor de conhecimento, as formas de saber, a constituição de organizações e as práticas punitivas emergentes da sociedade ocidental durante institucionalização do sistema capitalista do século XVIII, o autor afirma que o poder é exercido em várias instituições sociais através da construção do conhecimento, concomitante às práticas sociais. Ele considera que:

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade, isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros [...], os meios pelo qual cada um deles é sancionado, as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o status daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro. (Foucault, 2010, p. 12).

Ao considerar o funcionamento das interações sociais, o teórico infere que as relações de poder são auxiliadas por formas de resistências não palpáveis que se relacionam com discursos de verdades determinados por certos saberes. Nas palavras de Foucault (2010, p. 27) “Temos antes que admitir que o poder produz saber [...] que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não se suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”.

Na genealogia estipulada pelo filósofo francês, o poder está respaldado na análise de discursos e nos efeitos dele sobre os sujeitos, isto é, o estabelecimento de relações de submissão e domínio dissimulados na constituição de discursos de verdade, por meio de fatores político-socioeconômicos nas práticas sociais. Na sociedade contemporânea, essa relação entre o poder e o saber está cada vez mais íntima. O autor considera esse vínculo como uma força que perpassa todas as relações sociais operadas e resistidas.

Foucault (2010) conjectura que o poder é ascendente de práticas discursivas, melhor

dizendo, do exercício da linguagem/língua e do conhecimento por nós produzido e compartilhado, através de normas e práticas determinantes do que é verídico ou moralmente correto na modernidade. Em síntese, o poder é uma prática social formada historicamente por formas discrepantes, heterogêneas, em ininterrupta transformação.

No livro “Microfísica do poder”, Foucault (2010) trabalha o poder em paralelo com o ato da governamentalidade, através de três perspectivas reflexivas: o governo de si (a moral); governo da família e da casa (economia), e o governo do Estado (a política). Essas formas de governo desencadearam, a “arte de governar”. De acordo com o filósofo, a constância da arte de governar se destrincha, em primeiro lugar, em uma continuidade ascendente, isto é “aquele que quer poder governar o Estado deve primeiro saber se governar, governar a sua família, seus bens, seu patrimônio”. E em segundo lugar, em continuidade descendente, ou seja, “quando o Estado é bem governado, os pais de família sabem governar suas famílias, seus bens, seu patrimônio e por sua vez os indivíduos se comportam como devem” (Foucault, 2010, p. 281).

Esses dois conceitos de continuidade da arte de governar, encapsulam a sociedade em um princípio de que todos os sujeitos sociais tem a proeza de se governar e governar o outro, ou melhor, exercer poder sobre outro indivíduo, tornando uma sociedade liberta de formalismos negacionistas imbricados nos interesses subjetivos posto à frente dos coletivos. Segundo Foucault (2010), as relações de poder se exercem

por um aspecto extremamente importante através da produção e da troca de signos; e também não são dissociáveis das atividades finalizadas, seja daquelas que permitem exercer este poder (como as técnicas de adestramento, os procedimentos de dominação, as maneiras de obter obediência), seja daquelas que recorrem, para se desdobrarem, a relações de poder (assim na divisão do trabalho e na hierarquia das tarefas). (Foucault, 2010, p. 241)

As relações de poder se encontram por toda parte, pois o poder é, simultaneamente, as ações sobre outras ações. Uma vez que o poder germina ações que em um determinado momento se situam no campo dos direitos civis individuais e público e em um outro instante no âmbito da verdade. O poder deve ser compreendido como uma relação flutuante e não uma propriedade adjacente de uma instituição ou característica pessoal de alguém.

Para compreender em que consistem as relações de poder é necessário analisar as formas de resistência e os esforços desenvolvidos para tentar dissociar essas relações. São lutas que colocam em questão o estatuto do indivíduo: por um lado, elas afirmam o direito à diferença e sublinham tudo o que pode tornar os indivíduos verdadeiramente individuais. Por

outro lado, elas combatem tudo o que pode isolar.

Esse poder - contra o qual os sujeitos se digladiam em micro-lutas cotidianas - classifica os indivíduos em categorias, designa-os pela individualidade, liga-os a uma pretensa identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que é necessário reconhecer e que os outros devem reconhecer neles. É uma forma de poder que transforma os indivíduos em sujeitos.

Para se estabelecer o poder é necessário força, à medida que se determina a constituição do sujeito. A coação forçosa de um corpo sobre o outro acaba por testar a sujeição de um sujeito em suas atividades compiladas, aproveitamento econômico, docilidade política e obediência estrita as regras e normas da sociedade sem as questionar.

### **3.3 Um panorama da violência**

Epistemologicamente, a palavra “Violência” é remota do latim. De acordo com Marcondes Filho (2001), o termo violência é proveniente tanto do latim “violentia”, que denota abuso de força, como de “violare”, cujo significado é o de transgredir o respeito devido a uma pessoa. Para Veschi (2020), a palavra violência está associada ao adjetivo *violentus*, referente a conduta violenta de um indivíduo, independentemente de configuração, contexto e familiaridade, dessa forma, ela pode manifestar-se na vida particular, familiar ou trabalhista.

Minayo (1994) enfatiza que a violência é uma ocorrência abstrusa e sistemática que não faz parte da conduta do homem, mesmo que este possua uma genética agressiva em suas raízes. Ela é produto da coexistência histórico-social e configurada a partir de eventos sociais: economia; política; ética e moral; questões legais; subjetivismo; interpessoalidade; psicológico.

Bezerra Jr. (2005) compreende que a existência da violência advém de questões sociais estabelecidas por um revelador das interações entre pessoas em uma determinada circunstâncias, intersubjetiva, ocorrida dentro da história social universal, isto é, em muitos dos casos, erudita da história contida nas relações humanas de domínio e governo de um sujeito sobre outro querendo este, ou não. para Bezerra Jr. (2005), sempre ocorreu, mesmo nos estágios de maior arbítrio e violência, e no âmago de corporações sociais arbitrárias e parciais, a viabilidade de vislumbrar uma possibilidade, de pensar o agora hostil como efêmero e superável.

De acordo com a historiografia, a violência faz parte da humanidade desde as primeiras civilizações. Acredita-se que os primeiros grupos humanos estabeleceram suas

sociedades sobre conflitos: inicialmente entre as tribos nômades e posteriormente, quando estes clãs começaram a se consolidar, entre as cidades fundadas por eles. Quando as nações se instituíram, os desentendimentos passaram a ser entre os países. Os propósitos destes conflitos externos são, em grande parte, os mesmo: reprimir, dominar, escravizar, expandir o território e mostrar seu poder bélico. Este fato se torna mais inequívoco quando recordamos dos adventos dos grandes impérios ao longo dos séculos, como o Império Macedônico, Romano, Napoleônico e Otomano. É através destas marcas passadas que o movimento literário, juntamente com as concepções antropológicas, filosóficas e sociológicas procuram descrever e representar a violência humana ao longo do tempo.

Na Grécia Antiga, a violência era uma realidade essencial para o estabelecimento da manutenção da ordem interna nas relações entre cidade-estado. As guerras eram regulares, e conseqüentemente, os povos julgados como “inferiores”, por exemplo os escravos, que eram subjugados a esse cenário sangrento. Esse contexto histórico foi fundamental para que a filosofia passasse a estudar e a refletir sobre a violência na sociedade.

Para o filósofo Aristóteles, a violência é um fenômeno intrínseco à sociedade e à condição humana, isto é, tudo aquilo que vem do exterior que se contradiz ao curso interior de uma natureza ao se utilizar da força, do poder e de privilégios para causar danos, dominar e subjugar pessoas, grupos e coletividades. Apesar de seus pensamentos serem contrários às tradições violentas, o filósofo reconhecia que nenhuma sociedade é totalmente desobrigada de violência, visto que ela é fundamentalmente um problema social.

Assim como a filosofia compreende a violência como um problema multifacetado e complexo que afeta a sociedade como um todo, a sociologia também admite que a violência é um fenômeno social, que abrange diferentes tipos (física, psicológica e simbólica) e níveis: macro (estrutural), meso (institucional) e micro (relacional), podendo ser executada de forma direta (um indivíduo contra outro) ou estrutural (fruto de desigualdades sociais), ou então, simbolicamente, correspondente a uma violência mantida por meio de símbolos e valores sociais.

Alexander e Selesnick (1980) enfatizam que o movimento Iluminista, no século XVIII, foi de grande produção intelectual dos filósofos, principalmente quando os assuntos eram a “guerra” e a “violência”, pois estes eram manifestos que estavam intrinsecamente ligados à política e à ordenação da sociedade. Apesar do Iluminismo ter sido considerado a maior transformação cultural da Europa, os autores revelam que este foi um período de muitas contradições internas e incompatibilidade do homem benfeitor. Visto que, as teorias postuladas

no movimento propunham, sobre o viés da política estatal da época, uma vazão sanguinária em prol da revolução, por exemplo a culminância da sangrenta Revolução Francesa.

Segundo Marcondes Filho (2001), quando se procura um meio para explicar a violência, ela passa a ser natural no meio humano. Durante a Revolução Francesa, quando muitas pessoas foram sacrificadas na guilhotina, o termo violência foi considerado um meio de justificar as mortes, ou seja, ela não foi vista como uma prática de intimidação através de atos violentos e do poder, mas sim como um bem maior à sociedade. Apesar da palavra violência ser popular desde a Antiguidade, ela só passou a ser questionada e posteriormente estudada a partir do século XIX, nas discussões de Hegel, Marx e Nietzsche.

Hegel (1770-1831) se refere a violência como algo que não é meramente destrutivo. Para ele, a violência é um ato que exerce o papel de modificador na história, pertencente ao processo dialético, em que conflitos e discordâncias levam a transformações políticas e sociais, ou seja, a violência é uma força que direciona as narrativas da humanidade em direção a uma condensação superior exercitada por meio de um outro ato violento.

Karl Marx (1818-1883) analisou a violência a partir de uma crítica ao capitalismo. Para ele, a violência estava intimamente associada à exploração de classe sobre a casta trabalhadora e à acumulação exclusiva de capital, isto é, método de dominação das classes. Em resumo, Marx (2013, p. 821) se refere a violência como “[...] a parteira de toda a sociedade velha que está prenhe de uma sociedade nova”.

Por outro lado, Nietzsche (2001) possuía uma concepção ambígua da violência. Ele não a concebia como algo inócuo, mas sim como uma vontade de poder através da força necessária na vida do homem, ou seja, a violência era uma manifestação do desejo de poder. Para Nietzsche (2001), é dentro das corporações militares que emerge a violência, uma vez que é nesse espaço corporativo que homens violentos e sanguinários são instruídos e disciplinados para o ofício da guerra, com o desígnio de proteger o território e enfrentar os adversários do povo. Desse modo, a violência e a desumanidade são justificados pelo discurso de serviço da defesa da ordem, da paz e do bem-estar dos “homens de bem” e, acima de tudo, dos sujeitos detentores do poder.

Vale destacar também, a relevância das narrativas bíblicas para o estabelecimento de determinados estudos sobre a violência humana e suas implicações, tal como as de René Girard e Roger Dadoun, que se utilizaram da história contada no livro de Gênesis a respeito de primeira família terrestre, para demonstrar o início da violência entre os homens.

Para eles, a configuração da violência teve início a partir de dois irmãos que

competiram a admiração e o respeito perante Deus, isto é, Caim e Abel. Os filhos do primeiro casal do mundo, gratos a Deus pelas bênçãos recebidas, dedicaram uma oferenda ao senhor, cada qual Lhe oferecia o que possuía de melhor de acordo com o fruto de seu labor. Caim como agricultor, ofertava os melhores frutos da terra. Já Abel, Lhe sacrificava o melhor primogênito de seu rebanho, pois era pastor de ovelhas. Todavia, Deus aceita a dádiva oferecida por Abel e rejeita a de Caim por causa da atitude egoísta de seu coração. O desfecho é fatal: Caim mata seu irmão Abel, principiando a violência entre os seres humanos.

Este genocídio inaugural é considerado por muitos como a violência raiz de várias outras que surgiram com o passar da história da sociedade. Ao estabelecermos a Bíblia, especificamente os textos bíblicos reportados no Antigo Testamento, como pilar para os estudos sobre a violência, averiguar-se-á que toda a narrativa do homem, relatada nos trinta e nove livros que compõem o princípio da humanidade, são descritos atos de violência. Seja ela do Senhor para com o homem, como forma punir a desobediência da humanidade, ou do próprio homem para com a sua raça. Nesse panorama bíblico, Dadoun (1998) e Girard (2004) concordam que a violência foi construída a partir de sangue derramado de Abel.

Na introdução de seu ensaio, Dadoun (1998) salienta que a violência é uma característica própria do homem que não pode ser alterado de modo algum, visto que o “Homo violens” é um indivíduo definido, desenvolvido, estruturado, característico e essencialmente pela violência.

Girard (2004) observa o cenário descrito na narrativa bíblica através da capacidade de afastar a violência da pessoa atentada, ou seja, Abel. O autor analisa a situação sobre a ótica de que em existia um desejo íntimo de violência de Caim para com Abel e Abel para com Caim, revelando, sobretudo que, na gênese das civilizações, os irmãos estavam designados a lutar entre si. Assim, Girard (2004) solidifica que só é possível ludibriar a fúria interna proporcionando-lhe uma válvula de escape, como aconteceu na história do assassinato de Abel, porque foi justamente o irmão que não se utilizava do sacrifício de animais como oferenda que cometeu o assassinato. Nessa lógica, Abel não cometeria assassinato, já que sua raiva era catalizada e depositada nos sacrifícios.

Apesar de todos estes antecedentes históricos e teóricos sobre a violência, em pleno século XXI ainda se nota, segundo Meneghel et al (2000), que a admissão da violência como instrumento de estudo e pesquisa é algo muito recente, principalmente no tocante a violência de gênero. Minayo (1994, p. 8) afirma que a violência sempre fez parte da condição humana. Ela capta de modo singular e captável nas elocuições mais aparentes das sociedades, através de

debates públicos políticos fundamentais, particulares e sociais, vividos individualmente, uma vez que somos objetos e sujeitos deste fenômeno.

De modo geral, Krug et al (2002, p, 380) definem a violência como “[...] o uso intencional da força ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”.

Diante das inúmeras transformações na esfera social, a violência contra a figura da mulher é um fenômeno múltiplo e complicado que vem salientando discussões teórico-filosóficas-sociais e indagações ético-políticas, visto que esse tipo de violência é produto de uma construção histórica, resultado de uma educação patriarcalista presente nos processos sociais, culturais e civilizatórios nas sociedades, que aumentou com o decorrer do tempo.

Bourdieu (2014) ao falar sobre a dominação masculina ao longo da história, afirma que ela é resultante da violência simbólica exercida por vias simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, de modo preciso, da ignorância, do reconhecimento, ou como último recurso, do sentimento. Isso posto, essa relação socialmente construída oferece uma circunstância ímpar de exercitar e desenvolver o método da dominação.

A violência contra a mulher, em suas várias faces, subjetiva, cultural, histórica e social, decorre de princípios machistas, fundamentados no patriarcalismo ainda estruturado na sociedade atual. Foi durante o ano de 1970, a partir da iniciativa de figuras feministas, que se iniciaram os estudos a respeito do impacto da violência doméstica contra as mulheres, bem como de suas lutas pela igualdade de gênero na política e no mercado de trabalho, isto é, por seu exercício constitucional a cidadania. A violência conjugal, diante de inúmeros processos de resistência, tomou outra proporção, pois deixou de ser uma problema confidencial, ou seja, de família e passa a ser uma questão pública e social preocupante, devido sua gravidade e um assunto que envolve a Saúde Pública, visto que tem potencial de causar danos psicológicos e lesão corporal, necessitando de um atendimento médico apropriado (Hirigoyen, 2006).

Saffioti (1999) defende que a violência contra a mulher é um fenômeno histórico, manifestado através das relações de poder ao longo da história de desigualdade entre homens e mulheres, que com o passar do tempo tornou-se uma problemática mundial que atinge as mais diversas castas sociais, culturais, grupos e crenças, recebendo essa denominação - Violência Doméstica- por suceder-se no espaço domiciliar, que atinge não só as mulheres adultas, como também, deficientes mental e físico, crianças e idosos, possuindo como protagonista agressor



seu respectivo familiar, que se aproveita da fragilidade e da indefesa da vítima para praticar o crime.

Nesse viés, Bourdieu (2014) salienta que a masculinidade é uma ideia eminentemente relacional, planificada em face de outros homens, ou seja, construída para a comunidade masculina que carrega em si uma espécie de medo do feminino e, é contra e intolerante à feminilidade.

Saffioti (2004) considera que a violência doméstica trata-se uma violência de gênero, resultado de uma hierarquia construída socialmente, em que é perceptível visualizar desproporções entre o gênero masculino e o feminino, numa relação de poder e sujeição do homem sobre a mulher.

A figura masculina, constantemente, é conhecida como o sexo provedor, dominador e reinante, e a mulher é subjulgada ao homem, dedicada exclusivamente aos serviços domésticos e matrimoniais, imagem essa que prevaleceu durante séculos em razão de um sistema que coloca os homens em situação de poder, ou seja, o poder pertencia unicamente aos homens. Saffioti (2004) aponta que esse tipo de relação é formado por um prisma determinantemente contraditório, isto é, não significa somar “racismo + gênero + classe social”, mas enxergar a realidade heterogênea e moderna resultante dessa fusão. Logo, uma mulher não é discriminada apenas por ser mulher, mas, porque além de mulher, é uma operária assalariada, assim, não se trata de variáveis, mas sim de diligências e de virtudes que transformam a situação dessas figuras muito mais difíceis

Esse tipo de violência refere-se também a uma desigualdade político-socio-econômico, em que a mulher sempre foi e é colocada em uma posição de inferioridade ao homem, de modo que a figura feminina mantenha-se continuamente dependente do sujeito masculino. Como afirma Giddens (1993), um indivíduo co-dependente é um ser que se mantém sob a sensação de segurança ontológica, através de uma outra pessoa que define e remedia suas carências, já que esse sujeito não pode confiar em si próprio sem estar consagrado às necessidades dos outros.

Giddens (1993) ressalta que um relacionamento co-dependente é formado por um parceiro que está ligado psicologicamente ao outro, cujos compromissos são guiados por um determinado tipo de compulsividade, onde a própria relação amorosa é o objeto de dependência. Assim, esse “relacionamento fixado” representa uma fragmentação de papéis, em que cada indivíduo é sujeito de uma alteridade determinada pelo companheiro, da qual nenhum dos parceiros é totalmente capaz de identificar a natureza de sua submissão ao outro e, inevitavelmente, de chegar a um consenso.

Saffioti (1999) declara que a violência doméstica não se resume apenas a violência de gênero, ela é mais vasta do que podemos imaginar, pois compreende indivíduos do mesmo âmbito familiar, abarca ópticas históricas, estabelecidas pelos princípios patriarcalistas sem importar-se com a cor da pele, tradições, religião ou classe social. Acomete os mais variados grupos de pessoas, vai desde as crianças até aos empregados (as) que residem com a família.

Além disso, a violência doméstica transpassa o âmbito da casa/lar, acontecendo também em diversos outros lugares como parques, estacionamentos, ruas e bares, inclusive no ambiente de trabalho da vítima. Dessa forma, o lar é uma das áreas de sua atuação. É no meio familiar onde geralmente ocorrem os maiores índices de violência, a saber: abuso sexual contra o público infanto-juvenil, abuso contra a pessoa idosa, a violência contra ambos os sexos, masculino e feminino. Entretanto, a mulher, por ser mais suscetível e vulnerável, é a principal vítima da violência doméstica e o responsável pelas agressões é o seu respectivo cônjuge ou alguém com que ela anteriormente tenha se relacionado.

Teles e Melo (2003) destacam que a violência contra a mulher, seja no âmbito familiar ou em locais públicos, advém de uma historicidade patriarcal profunda, que se enraizou na sociedade e tornou-se parte da cultura, como se fizesse parte da conduta humana. Apesar de tantos avanços na sociedade, é notório um retrocesso na contemporaneidade no tocante ao assunto violência doméstica, pois ainda ocorrem discursos de cunho machistas como: “mulher gosta de apanhar”, “tem mulher que merece apanhar”, “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Isso porque a agressão, normalmente, ocorre entre os próprios cônjuges, marido e mulher, que mantêm ou mantiveram durante um certo período de tempo um relacionamento afetivo, o que, infelizmente, dificulta a denúncia e, conseqüentemente, o estabelecimento de leis preventivas capazes de dissolver a manifestação da violência contra a mulher.

Sendo assim, dados apontam que as mulheres são as maiores vítimas de violência na sociedade. Nesse contexto, a figura feminina é atingida tanto pela violência em sua forma física, quanto em sua forma psicológica, mediante um panorama familiar onde os sentimentos são reinantes, como: amor, ódio, culpa, rivalidade e dependência tanto física, quanto emocional (Santiago e Coelho, 2008).

Sobre o propósito de amenizar os elevados índices de violência contra a mulher, em agosto de 2006, foi sancionada a Lei nº 11.340, intitulada “Lei Maria da Penha”<sup>10</sup>. A criação

---

<sup>10</sup> A titulação “Maria da Penha”, da a Lei que garante os direitos das mulheres, é uma homenagem à cearense e biofarmacêutica Maria da Penha Maia Fernandes, vítima de duas tentativas de homicídio por parte de seu marido na época. Maria da Penha, assim como outras mulheres, lutou por seus direitos e exigiu que uma lei fosse criada em prol da diminuição da violência doméstica e familiar.

dessa Lei contribuiu para a elaboração de meios que reprimissem a violência familiar e doméstica cometidas contra as mulheres. Porém, nesse mesmo ano, segundo Santiago e Coelho (2008), mais de 290 mulheres foram mortas e, em menos de uma semana, foram registrados 13 flagrantes em várias cidades de Pernambuco. Ainda nesse Estado, um estudo revelou que, dentre 208 casos de genocídio, aproximadamente 70% mulheres foram assassinadas por seus atuais ou ex-companheiros.

Enfaticamente, o cenário brasileiro sobre o viés da violência contra a mulher, advém também de um legado cultural escravocrata, pertencente aos colonizadores portugueses que se instalaram no Brasil. Para Marcondes Filho (2001), existe um conflito civil instalado nas terras brasileiras, conservada por um sistema econômico selvagem, isto é, pelo egocentrismo das castas influentes na sociedade que se mantém amplificada através do suor e dos trabalhadores que, muitas das vezes, vivem em situação de extrema pobreza e, recorrentemente, sob a configuração de roubos, assaltos, latrocínios, assassinatos e “gentilezas do gênero” (Pellegrino, 1987, p.203).

### **3.4 Formas de violência à mulher**

Estudos revelam que a violência, em suas múltiplas formas, é um dos principais motivos de mortes entre as populações. Todos os anos, inúmeros indivíduos morrem em decorrência da violência, seja ela cometida em casa ou nas ruas. A OMS<sup>11</sup> registrou no relatório do ano de 2010, dados probatórios de que aproximadamente 5,8 milhões de pessoas morrem todos os anos devido o aumento da violência e que pelo menos 10% de todas essas mortes são registradas em todo o mundo.

Nos últimos anos, tem ocorrido um aumento significativo nos estudos na área da saúde sobre a violência, sobretudo nos atos de violência contra a mulher. Sobre isso, Coelho, Silvia e Linfoner (2014, p. 11) afirmam que “Isso ocorre por conta do reconhecimento da dimensão do fenômeno como um grave problema de saúde pública, por sua alta incidência e pelas consequências que causa à saúde física e psicológica das pessoas que sofrem violência”. Mas nem sempre foi assim, pois foi só durante meados do século XIX, que as práticas de violência passaram a ser discutidas. Já no Brasil, essas discussões ganharam a devida importância e credibilidade a partir do século XX, especificamente no ano de 1980.

Desse modo, torna-se crucial entender o significado dos tipos de violência mais

---

<sup>11</sup>Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-5-2018-organizacao-mundial-da-saude-divulga-novas-estatisticas-mundiais-saude>.

recorrentes na sociedade. Para isso, é muito importante se voltar à definição de violência, segundo Hayeck (2009). Para o teórico, as complicações da violência surgem a partir da polissemia do significado, ou seja, de suas inúmeras definições, por exemplo: ameaça, uso intencional da força e ataque físico. Por essa razão, foi solicitado que a OMS (1998) propusesse tipologias para a diferenciação da violência.

Assim Coelho, Silvia e Linfoner (2014) alegam que a resolução de World Health Assembly, ocorrida em 1996, entende a violência como uma questão e problema de saúde pública e, em razão disso, a OMS sentiu a necessidade de desenvolver meios que caracterizassem e diferenciassse tipologicamente as formas de violência, assim como o vínculo estabelecido entre eles.

Para entender e confrontar a violência, é necessário considerá-la como um problema de saúde, circunstância e estilo de vida. Não é apenas um assunto médico típico, mas também um problema social, que passa por mutações, de acordo com a história e a humanidade. Tendo em vista a solicitação para o desenvolvimento de uma tipologia que permitisse distinguir os tipos de violência, Krug et al (2002) prescrevem quatro esferas correspondentes ao ato violento cometido, a saber: a **violência coletiva**, geralmente ocorrida em espaços macrossociais, característicos do poderio de grupos e do Estado; a **violência autoinfligida**, relativa a condutas suicidas e autoabusos; a **violência interpessoal**, corriqueiramente entendida como violência familiar - aqui se incluem a violência cometida pelo conjuje, abuso infantil e abuso contra a terceira idade - e a **violência comunitária**, que abrange atos de violência contra uma pessoa estranha, como o estupro e agressão sexual em lugares públicos: escola, trabalho, asilos e prisões.

A violência também pode ser categorizada a partir da natureza dos atos violentos. No âmbito médico, ela normalmente é decomposta em quatro formas simbólicas, qualificadas como: psicológica, física, sexual e maus-tratos (Minayo, 1994). Essas quatro modalidades de agressão são caracterizadas a partir da pessoa afetada e da sua gravidade, as quais Minayo (1994) subdivide em três esferas globais: estrutural, resistência e delinquência.

De acordo com a pesquisadora brasileira, a **violência estrutural** se estende e se aplica às estruturas institucionalizadas e organizadas do âmbito familiar de grupos marginalizados na sociedade no sistema político-socioeconômico, pois estes são mais vulneráveis e propensos à opressão ao sofrimento e à morte. A **violência de resistência** por sua vez, é resultante das diferentes formas de saída e resposta dessas castas marginalizadas na sociedade, enquanto prepotentes à violência estrutural. Concernente a **violência da delinquência** concentra-se nas

ações inflacionárias, ou seja, contrárias às leis governamentais e judiciais reconhecidas socialmente. Entretanto, ao se pensar neste tipo de delito social, precisamos nos voltar a compreensão da violência estrutural, porque esse tipo de ação não só confronta os sujeitos uns contra os outros, como também os desvirtua e instiga ao crime.

Em vista disso, o crime passional, no Brasil, nos últimos anos vem sofrendo grande aumento, em todas as castas sociais: rico, pobre, negro, branco, homoafetivos, dentre outros (Mascarenhas,1985). É evidente que a violência passional não é cometida por um indivíduo dito “anormal”, “mas por gente igual a gente” (Santiago e Coelho, 2008, p. 3). Diante dos vários tipos de violência cometidos a mulher, selecionamos algumas que serão abordados na análise do nosso corpus.

### ***3.4.1 Violência física***

A violência física é uma forma de agressão que ultrapassa os níveis do contato físico direto, deixando marcas, tanto na estrutura física quanto no psicológico e emocional das vítimas. Em outras palavras, a violência física é uma configuração de atos violentos que envolve o uso direto da força física para gerar lesões a outro indivíduo.

O Ministério da Saúde enfatiza que a violência física acontece, principalmente, quando um indivíduo estabelece uma relação de poder sobre o outro, ocasionando, na maioria das vezes, danos físicos externos, internos ou ambos as lesões, através de algum tipo de arma ou uso da força (Brasil, 2006).

Coelho, Silvia e Lindner (2014), revelam que existem variadas formas de manifestações de violência física, as quais cabe destacar: tapas, socos, mordidas, empurrões, estrangulamento, danos à integridade física, dentre outros que abarcam crianças, jovens, adultos e idosos e, principalmente, as mulheres, já que estas socialmente são reconhecidas por seu teor de vulnerabilidade em detrimento ao homem.

Sobre a violência física contra as mulheres, os analistas supracitados salientam que muitas mulheres entendem que a opugnação física não é uma mera casualidade, mas sim um padrão regular de comportamento abusivo que ocorre sistematicamente, em muitas ocasiões, dentro da dinâmica conjugal, podendo ocorrer diariamente na vivência do casal.

Em resumo, a violência física ocorre, geralmente, entre pessoas que mantêm algum tipo de relação tornando-se um fenômeno comum entre parceiros sexuais ou não, que dependendo da magnitude das ações, porta graves consequências. Visto que, a maioria das

vítimas desse tipo de violência são propensas a algum tipo de vício, seja ele lícito ou não, além, do desenvolvimento de problemas de saúde, como: depressão, ansiedade, síndrome do pânico e à adesão a conduta de risco.

### ***3.4.2 Violência psicológica***

Toda forma de agressão em que o toque físico entre as pessoas não é utilizado é denominado de violência psicológica. Esse tipo de agressão se manifesta verbalmente, através de humilhação, chantagem, ameaça, moralização, crítica, indiferença, desvalorização, dentre uma extensa lista de adjetivos de inferiorização. Esses atos acontecem, normalmente, no âmbito familiar, profissional, social e escolar que, conseqüentemente, compromete o emocional das vítimas.

Coelho, Silvia e Lindner (2014), definem a violência psicológica como aquela executada através de insultos, deterioração pública da imagem de determinado indivíduo, humilhação, ameaça e intimidação. Geralmente, essa natureza de agressão se sucede em casa, precisamente na família, afetando rigorosamente a valorização, o modo de ser e autoimagem da pessoa agredida. Em consequência disso, estatísticas apontam que em muitos dos casos esse tipo de violência chega a ser maior e mais frequente que a agressão física devido o desconhecimento e dificuldade de identificação por parte das vítimas, uma vez que não há lesões corpóreas.

O Ministério da Saúde ao analisar os autos índices de violência psicológica contra a mulher no seu dia a dia prescreve alguns exemplos<sup>12</sup> e a caracteriza como um método de domínio bastante eficaz, utilizado pelos parceiros para exercer poder sobre o outro, que segundo a Lei nº 11.340, é toda qualquer comportamento capaz de causar dano emocional e sentimento de inferiorização, ou que cause dano ao pleno desenvolvimento da vítima.

Mesmo com métodos de controle e repressão a violência psicológica, ainda é desafio detectar os modos que caracterizam esse fenômeno, pois ela não deixa lesões físicas visíveis e, em muitos dos casos, as mulheres demoram um certo período de tempo para se perceber como vítima. No comportamento abusivo do agressor (parceiro), está incluso o uso de ameaça, manipulação, intimidação, constrangimento, chantagem, humilhação, etc. Como resultado, as

---

<sup>12</sup> [...] impedir de trabalhar fora, de ter sua liberdade financeira e de sair, deixar o cuidado e a responsabilidade do cuidado e da educação dos filhos só para a mulher, ameaçar de espancamento e de morte, privar de afeto, de assistência e de cuidados quando a mulher está doente ou grávida, ignorar e criticar por meio de ironias e piadas, ofender e menosprezar o seu corpo, insinuar que tem amante para demonstrar desprezo, ofender a moral de sua família.(Brasil, 2006, p. 120-121)

vítimas passam a desenvolver problemas psicológicos, como depressão, ansiedade, síndrome do pânico, falta de memória e concentração, além de uma alta dependência emocional do parceiro que passou a controlá-la.

### ***3.4.3 Violência sexual***

A violência sexual é conceituada como toda e qualquer relação sexual efetuada sem o consentimento de uma das partes, ocorrendo principalmente no ambiente familiar, ou então na rua por um estranho. De modo geral, esse tipo de violência pode ser compreendido como uma questão de gênero: homem provedor e detentor do poder; mulher dona de casa e mãe, muitas vezes sem direitos, ou seja, papéis socialmente e culturalmente preestabelecidos na sociedade.

Verneck (2024) ao analisar e se aprofundar no conceito de violência sexual, destaca que esse tipo de agressão designa uma infração dos direitos sexuais da vítima. Sob essa perspectiva, a violência sexual se desdobra em três categorias essenciais: o estupro, relação sexual entre homem e mulher sem o consentimento de uma das partes; o assédio sexual, favorecimento sexual através da coação por parte de um superior hierárquico, e contrangimento de um indivíduo ao obrigar a vítima a realizar um ato sexual e o atentado violento ao pudor, prática de um ato libidinoso da conjunção carnal opressiva por meio de ameaças direcionadas à vítima. Dessa forma, a violência sexual não só ocorre entre familiares, mas também entre parceiros íntimos dentro de um relacionamento, no mais essa forma de violência envolve a tentativa ou ação sexual sem a concordância de um dos parceiros através da imposição ou uso da força física.

Dados afirmam que os sobreviventes da violência sexual, em muitos dos casos, podem sofrer danos a longo prazo em suas vivências comportamentais, sociais e psicológicas. O público feminino, em suas diferentes faixas etárias, são as mais afetadas por esse fenômeno doentio proveniente do ato sexual coercivo e violento. Que consequentemente agrega a saúde das mulheres, como destaca a OMS, “aborto inseguro, gravidez não planejada, disfunção sexual, infecções sexualmente transmissíveis (incluindo HIV), depressão, fístula traumática, transtorno por estresse pós-traumático, ansiedade, dificuldade para dormir, sintomas somáticos, comportamento suicida e transtorno de pânico”<sup>13</sup>.

Além desses, com frequência a violência sexual implica em morte, seja cometida pelo

---

<sup>13</sup> Disponível em: [pt-br/80616-oms-aborda-consequências-da-violência-sexual-para-saúde-das-mulheres](https://pt-br/80616-oms-aborda-consequências-da-violência-sexual-para-saúde-das-mulheres).

próprio agressor ou pela vítima que sofre com problemas psicológicos ocasionado pela agressão, tais como aborto em clínicas clandestinas e suicídio.

Coelho, Silvia e Lindner (2014) afirmam que esse tipo de agressão ocorre, sobretudo, em comunidades formadas culturalmente pela prática sexual não consentida e ideologicamente de que é dever da mulher, enquanto esposa, realizar os desejos sexuais do cônjuge mesmo não querendo. Em virtude disso, os autores alegam que a maioria das vítimas não denunciam a violência sofrida para a polícia por se sentirem constrangidas e porque têm medo de serem desmoralizadas, ou então de que não acreditem em suas palavras e, conseqüentemente, serem ofendidas e maltratadas de alguma forma.

### **3.4.4 Violência virtual**

Recentemente, uma nova onda de violência se configurou na sociedade. Nomeada pelos estudiosos da área da saúde como violência virtual ou digital, esse tipo de agressão, como próprio nome já diz, acontece nas plataformas digitais, principalmente nas redes sociais: *twitter, facebook, instagram, telegram* e, no mais recente, *Tik Tok*.

Cruz (2023) aponta que durante o ano de 2022, mais de 74 mil crimes virtuais foram denunciados, encaminhados e registrados pela Central Nacional de Crimes Cibernéticos da Safenet<sup>14</sup>, sendo a grande maioria discursos de ódio. Conforme a autora, dentre os crimes virtuais, a misoginia ocupa o terceiro lugar com um aumento de aproximadamente 251%, de opressão às mulheres apenas entre os anos de 2021 e 2022.

No início de maio de 2023, a ministra das mulheres, Cida Gonçalves, pontuou que lutar contra o discurso de ódio na sociedade é fundamental para o combate da violência contra as mulheres, especialmente no âmbito digital, ou seja, nas redes sociais que propagam a violência através de determinados conteúdos de ódio monetizados: repressão da mulher na sociedade, insinuação a violência sexual, intolerância, preconceito, etc.

Sobre isto, Gonçalves (2023) adverte que é necessário evitar e negar a monetização da repulsão contra as mulheres, para que os crimes de ódio cometidos nas redes sociais, especificamente o *Tik Tok*, não seja visto de forma positiva. Isto é, para que os executores do delito não lucrem com o genocídio e a violação sexual das vítimas mulheres.

A internet, nos últimos anos, tem se mostrado um espaço abundantemente hostil e opressor para as minorias, notadamente, as mulheres, sejam elas, brancas, pardas, negras, ruivas, lésbicas, bixessual, etc. De acordo com Gonçalves (2023), o aumento dos grupos de

---

<sup>14</sup> Organização de defesa dos direitos humanos em ambiente virtual.



ódio e a insegurança dos centros minoritários na internet são uma das principais causas de inquietação dos movimentos e entidades que procuram a preservação dos direitos humanos, incluindo, a luta diária das cidadãs brasileiras pela vida.

Segundo Gonçalves (2023) algumas pesquisa realizadas no Brasil, o Governo detectou 100 contas de brasileiros nas redes sociais com perfis voltados para conteúdos, vídeos-imagéticos discursivos, machistas e de ódio contra as mulheres. Esses perfis apresentam números exorbitantes de seguidores e visualizações, ou seja, mais de oito milhões de seguidores e meio bilhão de visualizações, sendo 20% desses perfis pertencente ao *Tik Tok*.

A violência virtual para com a mulher vai muito além dos discursos de ódios, assédio, pornografia e vazamento de fotos íntimas. Isso porque com a evolução da tecnologia, os índices de pessoas que possuem conexão e acesso com a internet aumentaram e automaticamente novas variantes de violência têm surgido no âmbito digital, como o estupro virtual.

Antes, o estupro era conhecido apenas como um crime sexual, em que um indivíduo se utiliza da força e da opressão física e psicológica para manter uma relação sexual não consensual, através do toque nas partes íntimas, penetração ou sexo oral. Porém, com a acessão da internet, o estupro deixou de ocorrer apenas de forma física e presencial e passou a acontecer na esfera virtual, principalmente nas redes sociais, em que há a possibilidade de chamadas de vídeo.

Ricardo (2024) adverte que a coação de uma pessoa para realizar atividades sexuais online forçadamente é qualificado como estupro virtual. Esse tipo de violência se caracteriza mediante o uso de chantagens emocional e psicológica, manipulação de imagens, vídeos e identidades falsas e ameaças à vítima e a sua família para se obter o controle.

Além da autoexposição ou da exposição realizada por terceiros, agregado a algum tipo de violência digital, é válido ressaltar que a mídia, nesses casos, segundo Santiago et al (2008, p. 3), ao mesmo tempo que “[...] acusa o criminoso, [...] também exalta os seus crimes, reproduzindo a antiga versão de que a “vítima é responsável por sua morte”. Desse modo, Santiago et al (2008) afirma que esse cenário crescente ressalta a falta e a necessidade de políticas públicas para reverter e combater essas situações.

### **3.5 Violência contra a mulher na rede social *Tik Tok***

Com os avanços tecnológicos, científicos e a modernização, surgem novos meios, mais práticos e rápidos, para a interação entre os indivíduos e com o meio social, mudando

completamente a maneira como os seres humanos se relacionam. Embora essa revolução seja de grande importância e utilidade à sociedade, principalmente por facilitar o acesso a informações e a debates que estão em pauta nos noticiários, as redes sociais e outras plataformas de comunicação digital têm sido fortes suportes para a abertura de um novo espaço para a propagação e continuidade da violência cometida contra a mulher

A internet, nos últimos anos, transfigurou-se em um espaço discursivo de e com novas práticas sociais, expressões coletiva e assujeitamentos, capaz de manifestar a (re)produção de um determinado discurso virtualmente. Sempre mediada entre o social e o político, a internet, devido seu caráter de instantaneidade, oportuniza os sujeitos a ligar-se a “marchas digitais” político-sociais-histórico-ideológicas (Giorgenon et al, 2014).

Atualmente, conseguimos observar três formas de violência que ganharam grande repercussão nos últimos anos, a saber: o “Cyberbullying”, a “pornografia de vingança” e, mais recente, os famosos “discursos de ódio”. Esses ocorrem através da difusão de comentários, sejam eles mormente o compartilhamento de vídeos ou de fotos íntimas, disponibilizadas nas redes digitais de forma hostil, intolerante e preconceituosa.

Esse tipo de exposição pode acarretar em grandes proporções, em muitos dos casos irreversíveis, uma vez que alcançam centenas de mídias sociais e conseqüentemente milhares de usuários em todo o mundo em pouquíssimo tempo. Apesar de existirem medidas preventivas e leis <sup>15</sup>que incriminam esse tipo de exposição da mulher, nos últimos anos, esse tipo de violência tem crescido assustadoramente, principalmente no meio familiar, pois, em sua grande maioria, esses casos são provocados por indivíduos do convívio da vítima, isto é, maridos ou namorados que não aceitam o término do relacionamento e buscam vingar-se de sua ex-parceira através da exposição para atingir a dignidade moral, física e psicológica da sua ex.

De acordo com o *site* da revista Forbes, uma pesquisa, realizada pela Statista<sup>16</sup>, aponta o Brasil como o segundo maior consumidor do mundo do *Tik Tok*, perdendo apenas para a China. Estima-se que em 2025 o *Tik Tok* chegue a atingir aproximadamente 4,92 milhões de usuários brasileiros, o que de certa forma, com a velocidade em que as informações circulam, torna-se praticamente impossível controlar os conteúdos publicados.

Em síntese, a violência no “âmbito virtual” contra a figura feminina, nada mais é que a sucessão da violência doméstica e/ou conjugal do que acontece no “mundo real”. Segundo

---

<sup>15</sup> “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (Brasil, Art. 5º, 1988, p.8 )

<sup>16</sup> Plataforma de dados e estatísticas que oferece uma visão global de inúmeros fatos e tópicos.

Granda (2022) quase a metade das discussões voltadas à figura feminina nos fóruns anônimos na internet os integrantes utilizam termos violentos e ofensivos para se referir a mulher. Além disso, nos debates que envolvem a pornografia, chama a atenção os altos índices de vazamentos ou pedidos de vazamento de fotos íntimas de pessoas, melhor dizendo, esses comentários envolvem pedidos, principalmente, de nudes <sup>17</sup> de mulheres em diferentes faixas etárias: crianças, adolescentes, jovens e adultos, que por sua vez delegam outros crimes, como a pedófilia.

A plataforma digital *Tik Tok* manifestou novos sujeitos. São indivíduos mascarados, sem identidade e com passaporte para a impunidade em novo território insensível e sem lei. Um exemplo cruel desse novo meio virtual são os discursos de cunho ofensivos, violentos, intolerantes e desumanos, protagonizados no *Tik Tok* através da sua agilidade e facilidade de compartilhamento. De acordo com o psicólogo André Villela (2023), os discursos difundidos nessas plataformas virtuais, sejam elas anônimas ou não, potencializam a propagação de enunciações e atitudes machistas e de ódio ultrapassados.

Esses progressos tecnológicos, mediante a ascensão dessa nova mídia social, *Tik Tok*, originaram um mundo desequilibrado. No que diz respeito à violência contra a mulher no universo digital, a situação apresenta subsídios característicos, infelizmente aumentam os índices de mulheres que sofrem com a violência virtual. Mesmo com tantos avanços tecnológicos, a sociedade não deixou a cultura patriarcal. Nesse viés, Saffioti (2004) afirma que:

Em geral, pensa-se ter havido primazia masculina no passado remoto, o que significa, e isto é verbalizado oralmente e por escrito, que as desigualdades atuais entre homens e mulheres são resquícios de um patriarcado não mais existente ou em seus últimos estertores. De fato, como os demais fenômenos sociais, também o patriarcado está em permanente transformação. Se, na Roma antiga, o patriarca detinha poder de vida e morte sobre sua esposa e seus filhos, hoje tal poder não mais existe, no plano de jure. Entretanto, homens continuam matando suas parceiras, às vezes com requintes de crueldade, esquartejando-as, ateando-lhes fogo, nelas atirando e as deixando tetraplégicas etc (Saffioti, 2004, p. 45).

A internet, devido ao seu caráter de instantaneidade, oportuniza aos sujeitos ligar-se a “marchas digitais” políticos-sociais, históricos e ideológicas. Os princípios machistas, fundamentados no patriarcalismo ainda estruturado na sociedade vigente, estão agregados à preocupante recorrência da virilidade masculina agressiva cometida contra as mulheres nesses “protestos virtuais”. São muitas as desigualdades de direitos e poder enfrentadas por elas na

---

<sup>17</sup> Termo utilizado nas redes sociais para definir a foto de um indivíduo sem roupa.

contemporaneidade. Por essa razão, se estabelece um cenário de violência atual, pois a veiculação da internet e das mídias sociais possibilitou a interação entre indivíduos. Assim, o fácil acesso e poucas restrições de publicação de conteúdos nesse meio, fez com que a produção de materiais de caráter linguístico sexista possuía grande visibilidade e potencial psicológico. A linguagem sexista revela expressões com estereótipos, desigualdades, desrespeito, inverdades científicas e preconceitos no tocante às mulheres.

No próximo capítulo, analisaremos o *corpus* selecionado, vídeos extraídos da plataforma *Tik Tok*, que apresentam um discurso de violência contra as mulheres. A fim de compreender o funcionamento do discurso sobre o papel e lugar da mulher na contemporaneidade.

#### 4. PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS

A partir dos dados encontrados nos vídeos do canal do *Tik Tok* “Arte da Sedução” com a *influencer* Pietra Bertolazzi, fez-se necessário realizar uma análise da representatividade dos discursos por ela difundidos a partir do panorama da violência contra a mulher do século XXI. Buscou-se tecer zonas de compreensão dos sentidos atribuídos por mulheres que participaram de diálogos nas ruas com Bertolazzi, assim como de entrevistas sucedidas pela *influencer* ao perfil do *Tik Tok*.

Para cumprir com o entendimento da pesquisa, serão exibidos prints com falas de Bertolazzi. Para tanto, será discutido e analisado as percepções machistas e antifeministas nos discursos da influenciadora que incitam a violência contra a figura feminina, que será dividido em três núcleos: 1) O patriarcalismo contemporâneo e o controle do homem sobre o corpo e sexualidade da mulher no discurso midiático; 2) O discurso virtual e a violência de gênero; 3) O discurso virtual de resistência.

##### **4.1 O patriarcalismo contemporâneo e o controle do homem sobre o corpo e sexualidade da mulher no discurso do *Tik Tok***

O termo cultura, embora possa ser delimitado de inúmeras formas, manifesta diversos estilos de vida social de certos grupos na sociedade. Referindo-se a humanidade como um complexo de linhagens advindas de uma organização predominantemente masculina, sabemos que o patriarcalismo é um sistema cultural, político e social que concede autoridade e soberania aos homens, principalmente aos líderes de família - pais, maridos ou qualquer outro representante masculino em um ambiente familiar formado, majoritariamente, por mulheres (Saffioti, 2004).

Mesmo sendo uma prática muito antiga, oriunda do conhecimento e reconhecimento do homem sobre o seu papel fundamental na reprodução e na instituição e apropriação da propriedade privada, ainda se presenciavam na sociedade vigente casos e castas patriarcais em que homens e mulheres defendem o discurso do “homem alfa”. A ordem discursiva desse sistema organizacional não se configura apenas com um simples artifício controlador, mas sim como uma ferramenta portadora de uma força que perpassa todo o cânone social, ininterruptamente.

Pietra Bertolazzi, em uma de suas entrevistas no *Tik Tok*, afirmou que o patriarcalismo deve ser mantido na sociedade, independentemente da época em que se vive, pois esse é um

sistema organizacional liderado por um “homem alfa” e que essa figura masculina vai fazer a sociedade evoluir, já que a mulher não tem a mesma capacidade física, intelectual e psicológica que a do homem para liderar uma humanidade.

**Figura 1:** Discursos patriarcalista de Bertolazzi



Fonte: disponível em: [https://www.tiktok.com/@artedaseducaoo?\\_t=8qDkc74f4UP&\\_r=1](https://www.tiktok.com/@artedaseducaoo?_t=8qDkc74f4UP&_r=1)

A partir dos discursos apresentados no vídeo, constatamos a violência contra a mulher no “patriarcalismo contemporâneo” e no controle do homem sobre o corpo e sexualidade da mulher.

A ordem patriarcal, nas últimas décadas, recebeu uma nova roupagem referente a conservação da estrutura do domínio social centralizada no homem contemporâneo. O “patriarcado tradicional” foi modificado no decorrer da história para um “patriarcado contemporâneo” (Machado, 2000), através de um contrato amoroso marcado pelas posições hierárquicas entre o masculino e o feminino. Em outras palavras, no casamento, desde os primórdios da humanidade, foram preestabelecidas posições e tarefas diferentes aos sexos “XY e XX”<sup>18</sup>: a mulher ocupa o papel de doméstica e mãe e o homem ocupa função de senhorio do lar, provedor, mantedor e aquele que trabalha fora e que por isso tem total soberania sobre a esposa e filhos. Logo, estabelecendo uma formação discursiva que conjectura os deveres de uma “boa mulher”.

<sup>18</sup> XX e XY são cromossomos de determinação dos sexos, ou seja, o XX são cromossomos feminino e XY, cromossomos masculino.

A legitimação desse conceito patriarcal moderno advém da naturalização de uma formação discursiva patriarcal que se conservam intactas nas relações sociais afetivas, a partir de um contrato de casamento que, em muitos dos casos, condenam a mulher a viver sob a tutela e dependência financeira e emocional total do homem com quem vivem uma relação estável.

Nos discursos de Bertolazzi, presenciamos, verificamos uma formação discursiva patriarcal contemporânea e conservadora, uma vez, que para ela, “a mulher nunca vai conseguir fazer o papel do homem numa sociedade” e “a mulher não tem a competência e os atributos necessários para se liderar uma sociedade da mesma forma que o homem”. Identificamos a predominância da sujeição feminina ao homem e à autoridade natural do sujeito homem sobre o corpo da mulher através das óticas governamentais “ascendente e descendente” conservadoras. Na qual, a maioria das mulheres apresentam uma inferioridade crítica e ínfima cultura geral, catalogando as mulheres conservadoras em femininas e as não adeptas desse ideal em feministas, como se estas condições fossem mutuamente exclusivas (Foucault, 2010). Essa separação e não entendimento dos direitos, impossibilita o andamento de políticas feministas, cujas teses progressistas buscam a igualdade social para homens e mulheres.

Na perspectiva ascendente, o cargo de governar uma instituição ou sociedade deve ser ocupado por um indivíduo que já saiba e tenha autoridade sobre suas vivências e aquisições, isto é, aquele que quer poder governar o Estado deve primeiro saber se governar, governar a sua família, seus bens, seu patrimônio (Foucault, 2010). Ao consideramos esse conceito “ascendente” como ponto chave para explicar os discursos da influenciadora, podemos afirmar que Bertolazzi, como figura conservadora, não só inferioriza a mulher, mas também a coloca em um patamar de pessoa não racional, já que “não tem a competência e os atributos necessários para se liderar uma sociedade da mesma forma que o homem”. Ainda de acordo com Bertolazzi, quando a mulher se colocou a frente de algo “a coisa ruiu, se perdeu e sumiu”, ou seja, a figura feminina é um ser instável, que age segundo suas emoções e, automaticamente, é incapaz de realizar ações racionais.

Esse discurso de inferiorização feminina, postula um “número incalculável de mulheres machistas”, inaptas a questionar a “ordem patriarcal de gênero”, uma vez que o dito foi produzido por alguém de influência e poder discursivo no meio digital que corrobora com um fluxo de relações interpessoais, instigados pelo escambo de relações afetivas e informações, levando a muitas mulheres se coagirem e tomarem para si o “dito” como referência ideológica (Giorgenon et al, 2014).

Essa coação a figura feminina configura o que conhecemos como violência psicológica, pois foi através da verbalização da indiferença de uma mulher para com a outra, que Pietra exerceu o poder sobre o outro. De modo geral, a violência contra a mulher não ocorre apenas nas relações homem-mulher, mas também em relações de mulher-mulher (Saffioti, 2004). Neste espaço, a igualdade legítima se converte em desarmonia, ao contrário do que tem sido a luta feminista, uma vez que o patriarcado é um sistema de poder, exploração e domínio de um corpo sobre o outro, nesse caso de uma mulher sobre a outra.

A indução discursiva pós-moderna sobre o sujeito e o corpo compreende o espaço virtual, através das relações de poder marcadas pela disciplinaridade de discursos que designam as relações entre “opressor e oprimido”, “mandante e mandatário”, “subordinador e subordinado” (Foucault, 2010). Essa manifestação, além de produzida e reproduzida no *Tik Tok*, plataforma de enorme sucesso entre os mais variados tipos de públicos, é uma autêntica fonte inesgotável de enunciados, de discursos que recaem sobre o sujeito e o corpo.

Os discursos de Bertolazzi, abordam um patriarcalismo idealizado e sexista. Ela apresenta uma formação discursiva estruturada em um poder onde as mulheres sofrem com a desigualdade e são “amputadas”, sobretudo, no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder”. Ou seja, elas foram criadas para desenvolver comportamentos “dóceis, cordatos, apaziguadores”.

#### **4.2. A Violência contra a mulher e os direitos humanos no discurso virtual**

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), legitimada em dezembro de 1948, pela Organização das Nações Unidas (ONU), é um acontecimento importante na história da humanidade, pois fornece e permite a todos os cidadãos usufruírem de seus direitos fundamentais à proteção. Surgida mediante as emergências sociais, no contexto da Segunda Guerra Mundial, a DUDH tem como compromisso global proteger a dignidade e os direitos de todos os indivíduos que vivem em sociedade.

A DUDH estabelece 30 artigos que garantem direitos básicos a todos os cidadãos, independentemente de raça, gênero, grupo social ou religião. Sendo assim, o trabalho árduo das mulheres por direitos humanos que as garantam o reconhecimento e efetivação, parte do ativismo social contra a desigualdade de gênero, a fim de garantir a dignidade humana, a valorização e o respeito pelo bem-estar e vida de cada mulher inserida na comunidade em geral.



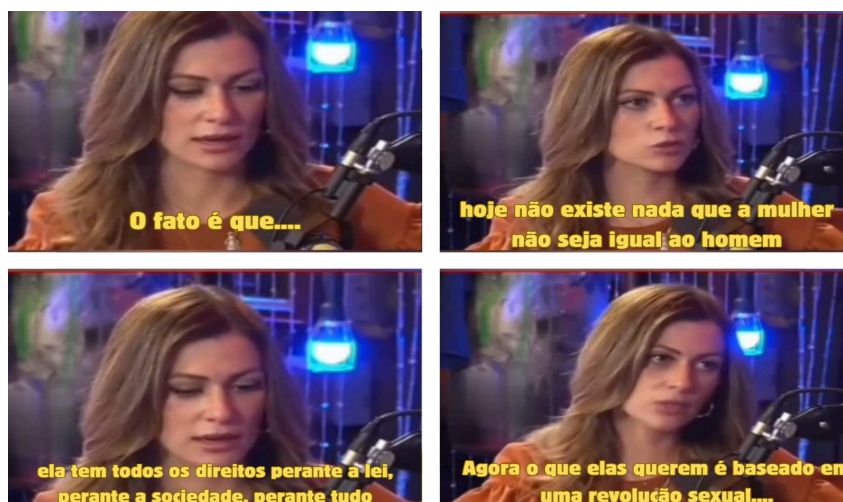
Parte dessa caminhada se deteve à difusão de questionamentos acerca “de quem são e para quem são” os direitos humanos. Apesar da igualdade de gênero ter sido postulada como direito natural e fundamental na DUDH, foram necessárias múltiplas estratégias políticas por parte das mulheres, juntamente com os sistemas internacionais e governamentais, nos diversos ambientes de conferência política local e mundial, para que mecanismos e projetos de ações fossem organizados para o estabelecimento de programas que garantissem esse direito natural das mulheres. As pautas de gênero foram, introduzidas, progressivamente, nos compromissos universais de direitos humanos, de acordo com a gestão de proeminência, a partir das conjunturas e da caracterização de linhas de fluxos entre os diferentes cenários políticos que fizeram parte desse progresso, principalmente, as próprias mulheres.

Mesmo existindo políticas públicas que refutem atos discriminatórios e assegurem a igualdade social, política, cultural e civil das mulheres no Brasil e no mundo, cabe discutir os ideias de antifeministas que afirmam a não existência de desigualdade de gênero entre homens e mulheres, já que para elas a sociedade está organizada de forma igualitária.

O discurso de antifeministas, aliado às redes sociais, favorece o discurso de ódio contra corporações que lutam em prol dos direitos humanos e, conseqüentemente, mobilizam a criação de novas formações discursivas a partir de “mecanismos de exclusão e interdição” (Foucault, 2014), manifestando princípios discriminatórios do dever feminino, como doméstico - privado -; e do masculino, como sendo social, público e político.

Na rede *Tik tok*, na qual o sujeito conjectura fazer parte do “outro”, o Vídeo 2 apresenta um trecho de outra entrevista de Pietra Bertolazzi ao perfil “Arte da Sedução”. Aponta para uma discursivização que integra a “violência de gênero” como parte do discurso de ódio, uma vez que o poder do dito está associado à realização de discursos de autenticidade, isto é, o discurso doutrinário que conecta os sujeitos a determinadas enunciações, realizando um de assujeitamento: dos indivíduos que enunciam aos discursos de verdade e dos discursos às coletividades, ao menos virtual, dos sujeitos que discursivizam. (Foucault, 2014)

**Figura 2:** Discursos antifeministas de Bertolazzi



Fonte: disponível em: [https://www.tiktok.com/@artedaseducaoo?\\_t=8qDkc74f4UP&\\_r=1](https://www.tiktok.com/@artedaseducaoo?_t=8qDkc74f4UP&_r=1)

O discurso de Bertolazzi, configura a representação do poder nas formas de “potência” e “impotência” (Saffioti, 2004). As mulheres, desde o seu nascimento, são criadas e instruídas para viver e conviver com a “impotência” e sob a tutela masculina. Enquanto os homens são socializados para exercer a “potência”, isto é, preparados desde o ventre para exercerem o poder e não aceitarem a impotência, pois isto afetaria a virilidade masculina.

O discurso produzido pela influenciadora, de que as mulheres “tem todos os direitos perante a lei, perante a sociedade, perante tudo”, está cristalizado nos ideais moralistas e éticos dos sujeitos sociais, defensores ou não dessa ideologia. Principalmente, por fazer parte do discurso “todos sabem o seu lugar”, advindo de uma formação discursiva que discursiviza o “o natural da vida”.

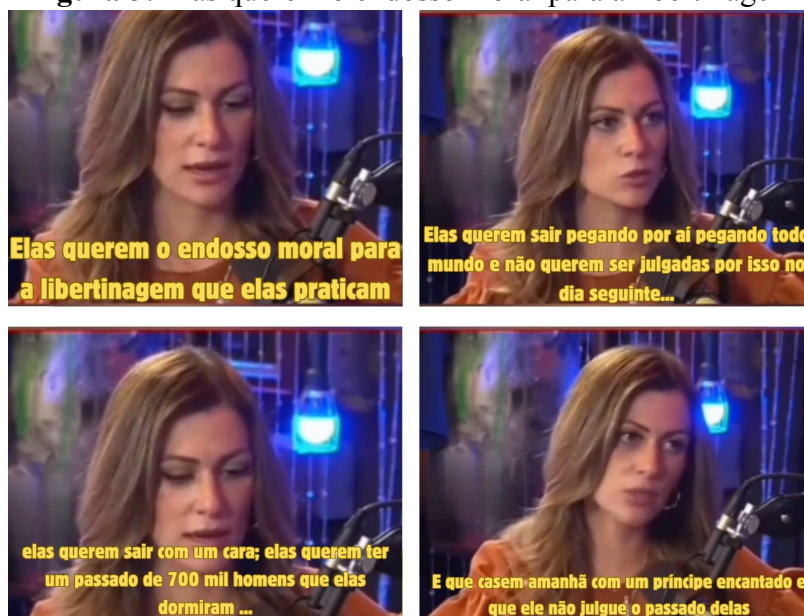
O discurso tradicionalista ainda prevalece forte na sociedade. Isso é notório desde cedo: meninas usam rosa e meninos usam azul, cores que são designadas pela sociedade para diferenciar o sexo feminino do masculino e vice-versa. Ao passarem pelo processo de formação moral para a vida adulta, essa designação toma uma nova roupagem: as mulheres tem por direito fundamental serem mãe e dona de casa e os homens trabalharem fora para trazer o sustento para o lar. Muitas vezes, mesmo que a mulher queira trabalhar para ter independência financeira, ela, em muitos casos, é inibida por seu cônjuge, pois esse, segundo ele, não é um dever da mulher, mas sim do homem. O que acaba por manifestar, mediante uma relação de poder masculino, uma desvalorização da mulher sobre seus direitos civis e constitucionais, configurando uma dependência absoluta e abusiva do homem para com a mulher.

Tudo isso está legitimado na sociedade e serve de auxílio à compreensão do papel social que deve ser desempenhado pelo homem e pela mulher. Consequentemente, as

diferenças e a privação dos direitos fundamentais dos seres humanos não estão na condição ou caráter biológico, mas nos deveres que devem ocupar na comunidade e na conduta comportamental com o outro. Isso coloca o corpo feminino como objeto do poder, isto é, pertencente ao homem, pois passa a moldá-la, treiná-la e submetê-la a ele e a suas vontades, tornando-a útil e assujeitada.

Isso se torna mais evidente quando observamos o discurso final de Bertolazzi no Figura 2: “Agora o que elas querem é baseado em uma revolução sexual...”. Os sentidos constituídos por esse discurso sobre a mulher, materializa formações discursivas previamente estabelecidas na sociedade acerca dos deveres e direitos femininos, principalmente relacionados aos direitos sexuais da mulher. Vamos agora a Figura 3:

**Figura 3:** Elas querem o endosso moral para a libertinagem



Fonte: disponível em: [https://www.tiktok.com/@artedaseducaoo?\\_t=8qDkc74f4UP&\\_r=1](https://www.tiktok.com/@artedaseducaoo?_t=8qDkc74f4UP&_r=1)

O Figura 3 evidencia uma violência simbólica construída no discurso de Bertolazzi. Isso nos faz regredir aos anos de independência feminina, através da reformulação de discursos já ditos no passado. Essa reformulação vem mascarada com palavras bonitas que nos fazem repensar sobre nossas ações e direitos, tal como o termo “endosso moral”, por ela utilizado para se referir aos direitos femininos. A violência simbólica torna-se na eminente representação discursiva sobre o encargo feminino materializado em um discurso que pressupõe um passado de intolerância, que se transpôs por diversas formações discursivas para o presente, de uma mulher para outra.

Sobre os discursos manifestados nos quadros seguintes, é notório que a *influencer* assume diferentes posições sociais: mulher e homem. Bertolazzi não só corporifica a imagem de uma mulher submissa, como se considera, mas também de um homem machista que comete violência estrutural e verbal contra seu cônjuge, ao utilizar-se de enunciações sexistas e vocábulos pejorativos bastante frequentes em discursos masculinos: “elas querem sair pegando todo mundo e não querem ser julgadas por isso no dia seguinte”, para se referir a uma mulher que possui uma vida sexual ativa com mais de um parceiro. Ou seja, o discurso pronunciado por Pietra não é uma simples atividade linguística, porém “o próprio discurso enquanto prática” de alguém que não reconhece seus direitos e os direitos das outras mulheres, como podemos também observar na Figura 4:

**Figura 4:** Elas querem direitos iguais só na hora da libertinagem



Fonte: disponível em: [https://www.tiktok.com/@artedaseducaoo?\\_t=8qDkc74f4UP&\\_r=1](https://www.tiktok.com/@artedaseducaoo?_t=8qDkc74f4UP&_r=1)

Estamos inclusos desde a criação do mundo em uma cultura de afazeres sociais delimitados e distintos para mulheres e homens, onde cada um ocupa um lugar de fala e papéis sociais distintos. Porém, aos poucos, as mulheres foram compreendendo que possuíam as mesmas capacidades que os homens para sustentar sua família através do seu trabalho. Obviamente, isso não agradou muitos homens, assim como algumas mulheres, que defendem o discurso tradicionalista nas práticas discursivas diárias.

A figura 4 apresenta a *influencer*, ao sustentar e explicar seu discurso de que “elas querem direitos iguais só na hora da libertinagem”, assegura o estigma de que as mulheres

não têm voz, e muito menos direitos: educação, trabalho, voto, dentre outros; direitos que eram exclusivamente dos homens. Esse posicionamento de Bertolazzi em uma mídia social bastante utilizada agrega serias consequências as mulheres, dentre as quais cabe destacar: imposição de poder de um sujeito sobre o outro e a violência sexual.

A imposição de poder de um sujeito sobre o outro pode ser percebida no discurso “elas querem direitos iguais”. É evidente que Pietra não concorda com a distribuição igualitária de direitos entre os homens e mulheres, principalmente no que se refere a sexualidade. Uma vez que ela considera o direito da mulher se relacionar e ter relação sexual, independentemente da reprodução, como sendo “libertinagem”.

O próprio vocábulo “libertinagem”, pressupõe intolerância e atentado ao pudor, pois em seu significado literal refere-se a um indivíduo com conduta sexual desmedida. Além de ser um discurso sexista, essa enunciação agrega uma outra formação discursiva problemática: violência sexual.

Percebemos, então, que nos últimos tempos a internet tornou-se um espaço ou uma terra discursiva de novas práticas benéficas ou maléficas. No tocante aos malefícios, temos uma imensidade de crimes, mas no que se refere ao discurso respaldado nas Figuras acima, cabe destacar a violência sexual, devido o teor ofensivo e a abertura de espaço para o homem sentir-se avontade para realizar crimes contra as mulheres: coação, ameaças, manipulação de imagens e chantagens. Pois as mesmas não se colocam em seu devido lugar.

### **4.3. O discurso de resistência**

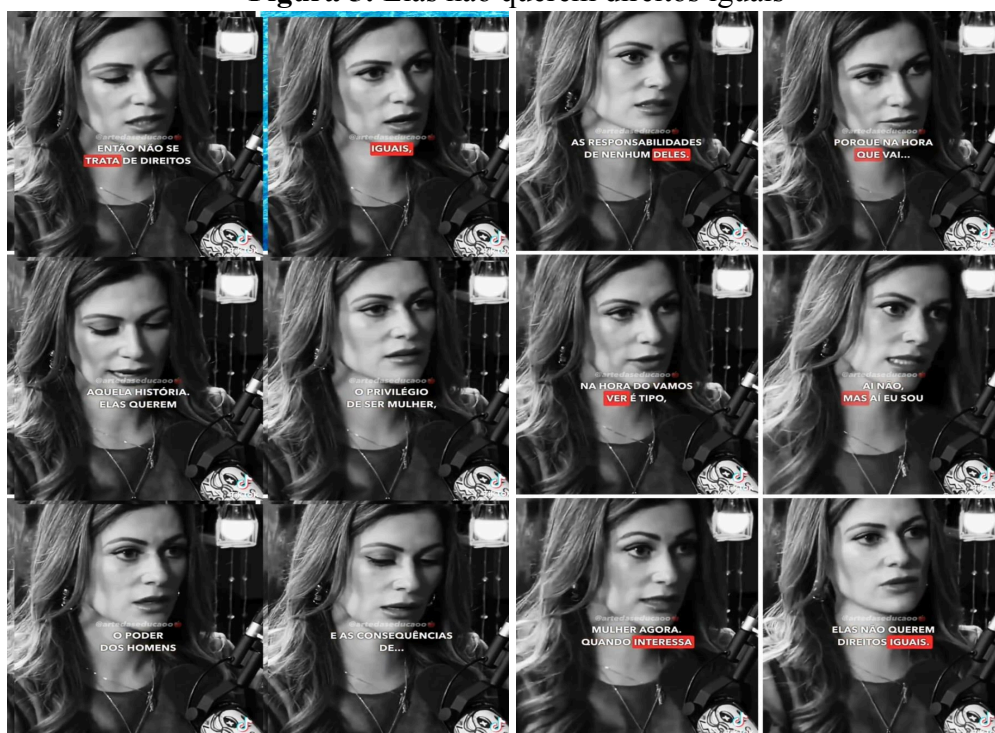
Desde a criação do mundo, as mulheres tinham por função fundamental a procriação. Contudo, as mulheres se saturaram desse e de outros discursos tradicionais de submissão, como: mulheres lavam, cozinha, cuidam da casa e dos filhos, enquanto os homens estudam e trabalham; e resolveram realizar uma revolução para quebrar esse estigma patriarcal em prol dos seus direitos civis e sociais. Assim, durante meados do século XIX e início do século XX, as mulheres passaram a expressar um posição de não-satisfação com a cultura patriarcal e sexista da época: casamento arranjado, não direito ao voto e discriminação de gênero.

Anos se passaram e, mesmo as mulheres tendo alcançado esses direitos, a mesma ainda é coagida psicologicamente a acatar tais funções, seja por parte de seu parceiro que usa da violência psicológica para obrigá-la a não trabalhar e ficar apenas em casa cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos, ou de sua própria família, para procriar, porque esse seria um princípio religioso prescrito para todas as mulheres.

Diante de um cenário histórico estigmatizado, o ato de resistência das mulheres é fundamental contra à opressão, principalmente quando nos voltamos para as lutas que elas tiveram que enfrentar para hoje poderem decidir com quem casar, se querem ou não se relacionar com alguém, se querem ou não ser mãe, se desejam ou não trabalhar, etc.

No entanto, atualmente as mulheres não enfrentam apenas o machismo, o sexismo e a violência de gênero por parte dos homens, mas de outras mulheres que ainda resistem a cultura machista, como a pessoa de Pietra Bertolazzi que afirmou em uma entrevista ao “Arte da Sedução” que as mulheres só querem direitos iguais quando lhes convém, conforme mostra a Figura 5 a seguir:

**Figura 5:** Elas não querem direitos iguais



Fonte: disponível em: [https://www.tiktok.com/@artedaseducaoo?\\_t=8qDkc74f4UP&\\_r=1](https://www.tiktok.com/@artedaseducaoo?_t=8qDkc74f4UP&_r=1)

O discurso está retratado mediante a resistência de uma mulher aos novos papéis sociais das mulheres na sociedade mediante a uma nova formação discursiva que enuncia que as mulheres “querem o privilégio de ser mulher, o poder dos homens e a responsabilidade de nenhum deles”. Ou seja, esses enunciados fogem dos discursos feministas de igualdade e abarcam o discurso tradicional determinado pelo patriarcalismo contemporâneo.

Essa formação discursiva alimenta o imaginário de que a mulher já possui muitos direitos e que só cabe a ela seguir o curso natural da vida: ser reprodutora e doméstica, como desde princípio foi designado. Logo, isso influencia tanto a ideia sobre a mulher como objeto

procriador na sociedade, quanto o emocional das próprias mulheres, uma vez que as elas podem se sentirem ineficientes, desqualificadas e inferiores aos homens para certos cargos e socialmente.

Não é sem motivo que esse discurso é titulado de “discurso de resistência”. Embora a figura feminina seja capaz de realizar atividades que antes eram meramente designadas aos homens, elas ainda encaram dificuldades em sua vida diária, pois nem todas as mulheres compram a ideia de direitos iguais, o que de certa forma problematiza a progressão feminina e contribui para a violência contra a mulher. Uma vez que, não estamos falando de uma simples discursivização masculina, mas de um discurso feminino sobre outras mulheres.

Compreendemos então, que a mulher ainda é inferiorizada e que existem mulheres que não aceitam as conquistas femininas na sociedade vigente, assim como o seu progresso da mesma no mercado de trabalho. Sendo assim, vivemos em uma sociedade na qual a ordem patriarcal vem perdendo espaço, mediante um discurso de resistência que afirma e reafirma que somos seres igualitários, com deveres e direitos iguais, mas que, em muitos dos casos, somos tomados por imaginários machistas, genocidas e intolerantes, agravantes da violência de gênero. É por esse e outros motivos que o discurso de resistência vem se impondo socialmente e aos poucos rompendo estigmas patriarcais e dando voz e direitos as mulheres que um dia foram silenciadas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo geral analisar os enunciados sexistas de Pietra Bertolazzi nas publicações do perfil do *Tik Tok* “Arte da Sedução” sobre o papel e lugar da mulher na contemporaneidade. Estes vídeos abordam discursos machista e antifeminista que auxiliam no engajamento social do sujeito ao circularem na rede social *Tik Tok*. Ao buscarmos entender o desenvolvimento desses discursos, observamos que, embora o papel da mulher se revolucione a cada dia na sociedade através do discurso de resistência de mulheres feministas que vem corroborando à igualdade de gênero, o discurso pronunciado e materializado nesses vídeos ainda são de cunho tradicional e patriarcal.

Entre os principais resultados achados, contatou-se que os discursos sobre a mulher corporificado em discursos midiáticos da *influencer* Pietra Bertolazzi, colaboraram para o aumento da violência contra a mulher. Esse prevaecimento discursivo dogmatiza a ideiação social de que “lugar de mulher é em casa, cuidando do lar e dos filhos”. Em vídeos do *Tik Tok*, onde uma mulher é narradora de discursos problemáticos sobre a figura feminina, temos exclusivamente a mulher como objeto dessa formação discursiva conservadora. Nos vídeos em que a influenciadora protagoniza um diálogo com os entrevistadores, deparamo-nos com formações discursivas que designam o homem como o indivíduo detentor do direito de sair e se relacionar afetivamente e sexualmente com quem quer e quando quiser, ao passo que recrimina e caracteriza a mulher como libertina ao estabelecer e usufruir desse mesmo direito. Uma vez que esse direito “recreativo” é propriedade apenas para os indivíduos masculinos, cuja vida sexual dinâmica em tempo algum seria pretexto de libertinagem, como se sucederia com mulheres.

Mediante o sujeito e o poder e saber, a pessoa de Pietra Bertolazzi faz circular na sociedade contemporânea, através de novos métodos verbais e visuais, discursos e novas formações discursivas misóginas que auxiliam para o aumento da violência, em suas várias faces, contra a mulher. Essas enunciações atuais a respeito da figura feminina passaram por processos modificativos ao longo da história, porém, essas mudanças reformulativas não são suficientes para configurar uma ruptura na Formação Discursiva patriarcal, arcaica e tradicional que algumas mulheres tem sobre o seu papel e função social. Sendo assim, a concepção discursiva apresentada é um instrumento controlador que “têm por função conjurar seus poderes e perigos”.



Consideramos que, apesar do discurso de resistência seja bastante enérgico e presente na sociedade, oportunizando vários progressos às mulheres na luta contra a desigualdade de gênero, notamos que não há ruptura na formação discursiva tradicional nos discursos de Pietra Bertolazzi analisados, pois o que notamos não condiz com a realidade progressistas das mulheres, mas sim com o natural da vida: a mulher menos capaz que o homem, objeto de procriação e submissa ao homem. Além disso, percebemos que esse discurso juntamente com o patriarcado moderno são predominantes na sociedade, pois mediante o veículo de comunicação *Tik Tok*, discursos sobre a mulher foram materializados e várias formações discursivas de cunho tradicionalista e machista foram divulgadas e, posteriormente, sedimentadas no imaginário de homens e mulheres. À vista disso, o discurso não é totalmente de resistência, pois não se justapõe ao patriarcal e tradicional, mas busca resistir a ele e aos seus adeptos.

## REFERÊNCIAS

- APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo, Atlas, 2009.
- ALEXANDER F. G.; SELESNICK, S. T. **História da Psiquiatria**: uma avaliação do pensamento e da prática psiquiátrica desde os tempos primitivos até o presente. Trad. de Aydano Arruda. 2. ed. São Paulo, IBASA, 1980.
- AVELAR, Lúcia. Mulher e política: o mito da igualdade. **Social Democracia Brasileira**, Brasília, v. 1, n.2, pp. 40-54, mar. 2002.
- AZEVEDO, S. D. R. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. **Filogenese**. Marília, v. 6, n. 2, 2013.
- BEZERRA Jr. **A violência como degradação do poder e da agressividade**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, 2005
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- BRASIL. Lei nº 11.340 de 7 de Agosto de 2006. **Lei Maria d Penha**: cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 8 ago. 2006
- CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da violência**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2020.
- CHAUÍ, M. Ética, política e violência. In: CAMACHO, T, **Ensaio sobre violência**. Vitória: Edufes, 2003.
- COELHO, E. B. S.; SILVA, Anne Caroline Luz Grudtner; LINDNER, Sheila Rubia. **Violências**: definições e tipologias. Florianópolis/SC UFSC, 2014. ISBN – 978-85-61682-39-2
- CRUZ, Eliane P. Denúncias de crimes com discurso de ódio na internet crescem em 2022. AgênciaBrasil. 2023. Disponível em: Denúncias de crimes com discurso de ódio na internet crescem em 2022 / Agência Brasil (ebc.com.br). Acesso em: 29 de mar. 2024
- DADOUN, R. **A violência**: ensaio acerca do *homo violens*. Trad. P. Ferreira, C. Carvalho. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- Diniz , G. R. S. & ANGELIM, F. P. Violência doméstica - porque é tão difícil lidar com ela? **Revista de Psicologia da Unesp**. 2(1), p. 20-35, 2003.

FERNANDES, Claudemar A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. São Paulo: Pontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 14 ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel, **Poder e Análise das Organizações**. Tradução de Rafael Alcadipani da Silveira. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo : Unesp, 1993

GIORGENON, Daniela et al. **Textecendo discursos na contemporaneidade**. São Carlos; Pedro e João, 2014 .

GIL, Antonio C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRARD, René. **A violência e o Sagrado**. São Paulo: Paulus, 2004.

GONÇALVES, Cida. Violência virtual contra as mulheres: entenda os perigos por trás das redes sociais. *Patrícia Galvão*, 25, set, 2023. Agência Brasil. Disponível em: Agência Patrícia Galvão / Agência Patrícia Galvão ([agenciapatriciagalvao.org.br](http://agenciapatriciagalvao.org.br)). Acesso em: 03 nov. de 2023.

GRANDA, Alana. Fóruns anônimos propagam conteúdos que incitam violência contra mulher. *Patrícia Galvão*, 25, set, 2022. Agência Brasil. Disponível em: [Agência Patrícia Galvão | Agência Patrícia Galvão \(agenciapatriciagalvao.org.br\)](http://Agência Patrícia Galvão | Agência Patrícia Galvão (agenciapatriciagalvao.org.br)). Acesso em: 03 de nov. de 2023.

HAYECK, C. M. Refletindo sobre a violência. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais - RBHCS**, São Leopoldo, ano 1, n. 1, jul. 2009

HEGEL. **Ciência da Lógica**. Seleção e tradução Marco Aurélio Werle. São Paulo: Barcarolla, 2011, p. 21-45.

HIRIGOYEN, M. **A violência no casal**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

KRUG, E. G. et al. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Geneva: World Health Organization, 2002. p. 380

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. DE A. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2005.

MACHADO, L. Z. **Perspectivas em confronto**: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?. Brasília: Série Antropologia, 2000,p. 2-17

MACHADO, L. Z. **Feminismo em movimento**. 2. ed. São Paulo: Francis, 2010.

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. São Paulo, SP: Loyola,1994.

MARX, K. **O Capital**. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MELO, Mônica de; TELES, Maria A. A. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MARCONDES FILHO, C. Violência fundadora e violência reativa na cultura brasileira. **Perspectiva**, ISSN 0102-8839 versão impresa. São Paulo, v.15 n.2, abr./jun. 2001. Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em: 07 mar. 2024.

MARX, K. **O capital**. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013

MASCARENHAS, Eduardo. **Emoções no Divã**. Rio de Janeiro, Guanabara Dois, 1985.

MENEGHEL, et al. Cotidiano Violento: Oficinas de promoção em saúde mental em Porto Alegre. **Ciência e Saúde Coletiva** ISSN 1413-8123 versão impressa 2000, Rio de Janeiro, v.5, n.1, 2000. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br) Acesso em: 20 mar. 2024.

MINAYO, M. C. de. Violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública**, ISSN 0102 – 311X. Cad. Saúde Pública vol.10 suppl.1 Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: [www.scholar.google.com.br](http://www.scholar.google.com.br)

MIRANDA M. P. M.; PAULA, C. S. BORDIN, I. A Violência conjugal física contra a mulher na vida: prevalência e impacto imediato na saúde, trabalho e família. **Revista Panam Salud Publica**. 2010;27(4):300–8

NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo**. Tradução de Pietro Nassetti: Martin Claret, São Paulo, 2001.

PAULILO, M. A.S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**. Londrina, PR, v.2, n. 2, p. 135-148, jul/dez, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Tradução Eni P. Orlandi et. al. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009.

PELLEGRINO, H. **Pacto Edípico e Pacto Social**. In: PY, L. A. et al. Grupo sobre Grupo. Rio de Janeiro: Rocco, 1987

RICARDO, Paulo. Estupro Virtual: A Violência Invisível que Ameaça a Integridade Digital. **Jusbrasil**, 2024. Disponível em: "[Estupro Virtual: A Violência Invisível que Ameaça a Integridade Digital](#)" | Jusbrasil. Acesso em: 30 de mar. de 2024

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Rearticulando gênero e classe social**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1999.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Violência Doméstica**: questão de polícia e da sociedade, 2007.

SANTIAGO, Rosilene A.; COELHO, Maria T. A. D. **A violência contra a mulher**: antecedentes históricos, 2008. Disponível em: revistas.unifacs.br. Acesso em: 21 de mar. 2024.

TELES, M. A. & MELO, M. **O que é violência contra a mulher**. Coleção Primeiros Passos, 314. São Paulo: Brasiliense, 2003.

VELOSO, Beth. A violência contra a mulher e a internet. **Congresso em foco**, 07, dez de 2022. Disponível em: [A violência contra a mulher e a internet - Congresso em Foco \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 10 de Abril de 2023.

VESCHI, Benjamin. Epistemologia de violência, 2020. Disponível em: **Etimologia de Violência – Origem do Conceito**. Acesso em: 09 de mar. de 2024

VERNECK, Barbara. Violência sexual. **Coladaweb**, 2024. Disponível em: (violência sexual-o que é, tipos, penalidades e mitos (coladaweb.com)). Acesso em: 20 de mar. 2024

VILLELA, André. Discursos misóginos nas redes sociais geram retrocessos nas conquistas feministas. *Jornal da USP*, 18, mai. de 2023. Disponível em: ([Discursos misóginos nas redes sociais geram retrocesso nas conquistas feministas – Jornal da USP](#)). Acesso em: 10 de Abril de 2024